

LEILANE RIGONI BOSSATTO

**ARTESANATO TÊXTIL EM VENDA NOVA DO
IMIGRANTE: PRÁTICAS, SIGNIFICADOS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2014**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

B745a
2014

Bossatto, Leilane Rigoni, 1981-

Artesanato têxtil em Venda Nova do Imigrante : práticas, significados e memórias / Leilane Rigoni Bossatto. – Viçosa, MG, 2014.

xii, 87 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Tereza Angélica Bartolomeu.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 67-71.

1. Artesanato. 2. Trabalhos manuais. 3. Artesãs - Venda Nova do Imigrante (ES). 4. Mulheres - Identidade. 5. Cultura. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 745.5

LEILANE RIGONI BOSSATTO

**ARTESANATO TÊXTIL EM VENDA NOVA DO
IMIGRANTE: PRÁTICAS, SIGNIFICADOS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

Aprovada: 27 de agosto de 2014.



Profa. Rita de Cássia Pereira Farias



Profa. Maria das Dores Rodrigues Oliveira



Profa. Tereza Angélica Bartolomeu
(Orientadora)

Dedico essa dissertação aos meus pais, Aloísio e Diva, que apesar das adversidades que passaram em suas vidas, sempre me ensinaram o valor do estudo, da honestidade, do trabalho justo e de honrar os compromissos.

A Honra de Trabalhar

Outrora os operários não eram servos.
Trabalhavam.
Cultivavam uma honra, absoluta como é
próprio de uma honra.
A perna de uma cadeira devia ser bem
feita
Era natural, era estabelecido. Era uma
primazia.
Não precisava ser bem feita pelo
salário, ou de forma proporcional ao
salário.
Não devia ser bem feita para o patrão,
Nem para os entendidos, nem para os
entendidos do patrão.
Devia ser bem feita por si mesma, em
si, na sua própria natureza.
Uma tradição originária, que remonta ao
profundo da raça,
Uma história, um absoluto, uma honra,
Exigiam que a perna da cadeira fosse
bem feita.
E cada parte da cadeira que não se via
Era trabalhada com a mesma perfeição
das partes que se viam.
Segundo o mesmo princípio das
catedrais.
Não se tratava de ser visto ou de não ser
visto.
Era o trabalho em si que devia ser bem
feito.
Um sentimento incrivelmente profundo
Que hoje chamamos de espírito
esportivo,
Mas que naquele tempo era difundido
por toda parte.
Não só a idéia de alcançar o melhor
resultado possível,
Mas a idéia, no melhor, no bem de obter
algo mais.
Tratava-se de um esporte, de uma
competição desinteressada e continua,
Não só para quem fazia o melhor, mas
para quem fazia mais;
Tratava-se de um belo esporte,
praticado todas as horas,

Que penetrava a própria vida.
Entrelaçava a própria vida.
Um desgosto sem fim pelo trabalho mal
feito.
Um desprezo incomparável por quem
tivesse trabalhado mal.
Mas semelhante intenção sequer lhes
passava pela cabeça.
Todas as honras convergiam para
aquela única honra.
Uma decência, e uma fineza de
linguagem.
Um respeito pelo lar.
Um senso de respeito, de todo respeito,
da própria essência do respeito.
Uma cerimônia, por assim dizer,
constante.
Por outro lado, o lar ainda se confundia
muito freqüentemente com a oficina.
E a honra do lar e a honra da oficina
eram a mesma honra.
Era a honra do mesmo lugar.
Era a honra do mesmo fogo.
Cada coisa, desde o despertar, era um
ritmo e um rito e uma cerimônia.
Cada fato era um acontecimento
consagrado.
Cada coisa era uma tradição, um
ensinamento;
Todas as coisas tinham uma relação
própria interior, constituíam o mais
santo costume.
Tudo era um elevar-se, interior, e um
rezar o dia inteiro:
O sono e a vigília, o trabalho e o
medido repouso,
A cama e a mesa, a sopa e a carne,
A casa e o jardim, a porta e a rua,
O pátio e a escada, e as tigelas sobre a
mesa.
Diziam para rir, e para fazer piada com
seus padres,
Que trabalhar é rezar, e não sabiam que
falavam tão bem.

Texto Extraído do Poema:
“L’argent” de Charles Péguy (1912).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todos os momentos vivenciados em mais uma etapa da minha vida. Sem Ele nada seria/teria e com Ele tudo posso, pois zela por mim e fortalece-me nas oscilações e tribulações.

À presença terna de Nossa Senhora, minha mãe celestial, que sempre esteve à frente de cada passo, guiando-me com serenidade nos momentos difíceis.

À minha família, em especial aos meus pais, Aloísio e Diva, pela educação e disciplina, que permitiu manter-me firme longe de minhas origens.

À minha avó Palmira, por ter sempre meu nome em suas orações.

Às amigas que Viçosa me deu e Deus as tornou minhas irmãs – Alê e Vanessa - palavras não teriam fim para agradecer tudo que representam para mim. E digo que a finalização deste trabalho também se deve às suas contribuições, não só pela partilha teórica, mas, por estarem independentemente da situação, sempre perto de mim.

Ao Ministério Universidades Renovadas da Renovação Carismática Católica de Viçosa, por me permitir tantas experiências e um olhar renovado no chamado a ser profissional diferenciado nesta sociedade. Agradeço em especial, ao Grupo de Oração Universitário Imaculado Coração de Maria, por todo o convívio e por se tornarem minha família aqui em Viçosa.

Aos amigos, todos que de perto ou de longe me apoiaram em cada uma das etapas, em especial à Deiziane e ao Roni, pelos conselhos, orações, partilhas, apoio, enfim, pela amizade dedicada.

À minha turma de mestrado pelo aprendizado, troca de idéias, amizade e momentos felizes, angustiantes e engraçados que vivemos e, em especial à Suellen – pelo companheirismo desde a preparação para seleção do mestrado e, acabou por dividir comigo tanto as lágrimas, mas também os sucessos.

Agradeço ao Programa de Mestrado em Economia Doméstica do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, aos professores e à minha orientadora, professora Tereza Angélica Bartolomeu, que fizeram parte do meu aprendizado nesse período, pela oportunidade de expandir meus horizontes. À minha coorientadora, professora Lílian Perdigão Caixetas Reis, que muito contribuiu para o desenvolvimento desse trabalho.

Às professoras Rita de Cássia Pereira Farias e Maria das Dores Rodrigues Oliveira por aceitarem o convite para participar da banca de defesa da dissertação.

À CAPES pelas bolsas concedidas, sem as quais eu não teria condições de cursar o mestrado.

À toda equipe do INCAPER de Venda Nova do Imigrante e da Equipe da Fazenda do Estado e, em especial, a Rita Zanúncio, exemplo de profissional e de ser humano, que me recebeu como uma filha e não mediu esforços para me ajudar. Sem a sua contribuição essa pesquisa de campo não seria possível.

BIOGRAFIA

LEILANE RIGONI BOSSATTO, filha de Aloísio Bossatto e Diva Maria Rigoni Bossatto, nasceu em 13 de maio de 1981, em Anchieta, Espírito Santo. Coursou o ensino fundamental e médio em escolas públicas na sua cidade natal, sendo as escolas: Escola Municipal de Alto Pongal e Escola Municipal de 1º e 2º Graus Amarilis Fernandes Garcia. No ano de 2007, iniciou sua graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa-MG. Durante a Graduação foi bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET por três anos, Programa esse que lhe proporcionou inserir-se em projetos de pesquisa, ensino e extensão, com ênfase nos projetos voltados para o mundo rural. Em fevereiro de 2012 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, em nível de mestrado, do Departamento de Economia Doméstica da UFRV.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURA	viii
LISTA DE QUADRO.....	ix
LISTA DE SIGLAS.....	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problema e importância do tema	3
1.2 Objetivos	4
1.2.1 Objetivo Geral	4
1.2.2 Objetivos Específicos.....	4
2 METODOLOGIA	5
2.1 Sobre o campo investigativo	5
2.2 Coleta de Dados	8
2.3 Análise dos Dados	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3. 1 Cultura, identidade e rituais	13
3. 2 Artesanato como elemento cultural.....	17
3. 3 Tradição e Sentido do Trabalho	21
3.4 O espaço rural e o trabalho das mulheres rurais.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
4.1 O enredo do espaço pesquisado / ressignificação das atividades	32
4.2 As mulheres artesãs: caracterização socioeconômica.....	37
4.3 Aprendizado e inserção no ofício de bordadeira	39
4.3.1 As técnicas e as preferências de cada artesã.....	43
4.3.2 A hora do fazer	47
4.4 A relação das artesãs com o espaço rural	50
4.5 Bordando é que se vive	52
4.6 O sentido do artesanato/artesão	56
4.6.1 Um trabalho realizado com amor	59
4.7 Minha vida mudou, é outra coisa!	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6 BIBLIOGRAFIA.....	67

APÊNDICES	72
APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista Narrativa.....	73
APÊNDICE B - Perfil Socioeconômico Familiar	74
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE	75
APÊNDICE D - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos	77
APÊNDICE E – Parecer Consubstanciado do CEP	78
APÊNDICE F – Pontos Bordados	80

LISTA DE FIGURA

Figura 1- Mapa de localização do município de Venda Nova do Imigrante	5
Figura 2 - Vila Italiana, praça de alimentação. VNI, ES.	34
Figura 3 – Fachada da Casa da <i>Nonna</i> . VNI, ES.	35
Figura 4 – Interior da Casa da <i>Nonna</i> . VNI, ES.	35
Figura 5 – Pontos dos bordados realizados pelas artesãs de Venda Nova do Imigrante investigadas	44
Figura 6 – Interior I da AVPHPM. VNI, ES.	48
Figura 7 – Interior II da AVPHPM. VNI, ES.	48
Figura 8 - Convivência no grupo das voluntárias. VNI, ES.	53

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Classificação do artesanato. SEBRAE, 2004.....	19
Quadro 2 – Caracterização Socioeconômica das artesãs. VNI, ES, 2013.....	37

LISTA DE SIGLAS

AAGROPE - Associação dos Agropecuaristas de Venda Nova do Imigrante

AFEPOL – Associação da Festa da Polenta

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

AVAPAE - Associação de Voluntarias da APAE

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural

PEDEAG - Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas

VNI – Venda Nova do Imigrante

VPHPM - Voluntárias Pró-Hospital Padre Máximo

RESUMO

BOSSATTO, Leilane Rigoni, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2014.
Artesanato têxtil em Venda Nova do Imigrante: práticas, significados e memórias.
Orientadora: Tereza Angélica Bartolomeu. Coorientadora: Lílian Perdigão Caixeta Reis.

Entre as formas de perpetuar as tradições de um povo tem-se a produção do artesanato característico das comunidades. Este se apropria de elementos que constituem a cultura material e imaterial se valendo de cores e formas das paisagens locais, do patrimônio histórico, da arquitetura típica, das lendas e festas populares. Geralmente, tem como características a beleza, a utilidade e a arte. Além de ser uma atividade produtiva, é também um meio de expressão cultural do homem. A relevância deste estudo pautou-se na inserção feminina neste contexto, em que a literatura apresenta e debate a expressiva participação das mulheres, as quais são proporcionadas significativas mudanças no âmbito econômico familiar, revelando como novas opções de geração de emprego e renda para o meio rural. No entanto, deixam-se algumas lacunas referentes à entrada feminina nas atividades artesanais, deste modo, atentou-se no que tange às motivações e percepções das artesãs para seu envolvimento no processo laboral. O trabalho busca analisar os sentidos e os significados conferidos ao artesanato na vida das mulheres, de contexto rural, e compreender as motivações para a realização dos mesmos. Objetivou-se examinar a percepção das artesãs quanto ao que a produção artesanal tem propiciado em suas relações, no âmbito social e cultural, no município de Venda Nova do Imigrante-ES. Esta pesquisa tem caráter qualitativo numa abordagem descritiva e exploratória, uma vez que, procurou caracterizar e compreender o sujeito deste estudo – as mulheres artesãs. O percurso metodológico consistiu em entrevistas narrativas, aplicadas às artesãs do município, com o suporte de outros recursos utilizados na construção dos dados, tais como: diário de campo, gravação e fotografia. Os dados obtidos foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo. Constatou-se que, Venda Nova do Imigrante-ES ainda preserva muitos elementos característicos da cultura no tempo da colonização. Os dados evidenciaram que o artesanato não é executado com função de geração de renda, mas como realização pessoal do grupo pesquisado. O envolvimento no processo laboral abarca outras motivações como: forma de manutenção das tradições, lazer, relacionamento interpessoal, terapia, diversão dentre outras razões. Portanto, o artesanato foi identificado como uma herança cultural, como atividade que traz consigo sentidos muito subjetivos, com influencia direta na melhoria da qualidade de vida.

ABSTRACT

BOSSATTO, Leilane Rigoni, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2014.
Textile Crafts in Sale New Immigrants: practices, meanings and memories.
Adviser: Tereza Angélica Bartolomeu. Co-adviser: Lílían Perdigão Caixeta Reis.

Among the ways to perpetuate the traditions of a people has been the production of characteristic handicrafts communities. This appropriates elements that constitute the material and immaterial culture availing of colors and shapes of local landscapes, historic heritage, the typical architecture, legends and folk festivals. It usually features the beauty, utility and art. Besides being a productive activity, is also a means of cultural expression of man. The relevance of this study was based on women's inclusion in this context, the literature contains discussion and meaningful participation of women, which are afforded significant changes in family economic context, revealing how new options for generating employment and income for the middle rural. However, leave yourself some gaps regarding women's entry in craft activities thus be-looked when it comes to the motivations and perceptions of the artisans for their involvement in the labor process. The paper seeks to analyze the meanings and the meanings given to the crafts in the lives of women, rural context, and understand the motivations for their realization. This study aimed to examine the perception of artisans as to what craft production has provided in their relations, the social and cultural context, in the municipality of Sale New Immigrants-ES. This research has a qualitative descriptive and exploratory approach, since the aim to characterize and understand the subject of this study - women artisans. The methodological approach consisted of narrative interviews, artisans applied to the council, with the support of other resources used in the construction of the data, such as field diary, recording and photography. The data were transcribed and subjected to content analysis. It was found that, Sale New Immigrants-ES preserves many elements characteristic of the culture at the time of colonization. Our data suggest that the craft does not run function to generate income, but personal fulfillment as the group studied. The involvement in the labor process encompasses other motivations as a way of maintaining the traditions, leisure, interpersonal relationships, therapy, fun among other reasons. Therefore, the craft was identified as a cultural heritage, as an activity that brings very subjective senses, with direct influence on improving the quality of life.

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação buscou analisar os sentidos e os significados conferidos ao artesanato na vida das mulheres artesãs de Venda Nova do Imigrante - ES. Visou compreender as motivações para a realização de trabalhos artesanais e, em particular, identificar a percepção das mulheres enquanto artesãs, bem como o reflexo desta atividade para a qualidade de vida das mesmas. Buscou-se entender a cultura e caracterizar o território rural, no processo de produção do artesanato, sendo esta uma das formas de ressignificar as atividades através do resgate histórico.

A motivação para este trabalho perpassa por uma questão pessoal da pesquisadora na condição de artesã, que surgiu enquanto atuava na graduação em projetos que levavam oficinas de artesanato como forma de geração de renda. Os participantes, geralmente mulheres, relatavam sobre a satisfação de estar ali em contato com outras mulheres, do momento ser de lazer e de sociabilidade. Estes relatos instigaram a pesquisa e reflexão sobre o que a literatura versa desta habilidade relacionada às motivações e à cultura.

No que se refere ao artesanato, este se apropria de elementos que constituem a cultura material e imaterial se valendo de cores e formas das paisagens locais, do patrimônio histórico, da arquitetura típica, das lendas e festas populares. Geralmente, tem como características a beleza, utilidade e a arte. Além de ser uma atividade produtiva, é também um meio de expressão cultural do homem.

Em relação à cultura de uma sociedade, esta é formada pela produção de seus bens e valores, que configuram as identidades das pessoas. A atividade artística, por excelência é uma das manifestações culturais mais expressivas de uma sociedade, que oferece exemplos dos diferentes modos de percepção e apropriação da realidade (BONFIM, 1999).

O Brasil é um país de rica diversidade cultural e étnica. Tem na composição da sociedade diferentes matrizes e, dentre elas, podem ser aludidos os negros, os imigrantes de diversas origens e os indígenas. A expressão da herança desses povos aparece na tradição cultural brasileira através da alimentação, do vestuário, do folclore, das artes, enfim, tudo que se traduz nos modos de viver de cada um contando que confirmem essa matriz étnica.

Para investigar estes elementos culturais presente nas diferentes regiões brasileiras escolheu-se como *locus* desta pesquisa a cidade de Venda Nova do Imigrante, localizada na região Serrana do Estado do Espírito Santo, colonizada por imigrantes da Itália, no final do século XIX. Neste momento da história, a imigração européia foi utilizada como estratégia imperial brasileira de substituição de mão-de-obra escrava e ocupação dos vazios territoriais.

Na região do Espírito Santo, os imigrantes geraram uma importante estrutura de minifúndios e foram responsáveis por parte significativa da produção cafeeira, sobretudo a situada na região central e das montanhas. Também contribuíram para a construção do panorama econômico, social e cultural capixaba, pois além das atribuições de trabalhar a terra e produzir, povoaram a província.

Dentre as cidades que os italianos ocuparam está Venda Nova do Imigrante também conhecida por suas festas, que atraem pessoas de diversas partes do Estado do Espírito Santo em busca da animação e hospitalidade. A mais famosa delas, a festa da Polenta, realizada em outubro, é a maior celebração da cultura italiana no Estado do Espírito Santo.

A cultura desta região é enriquecida com a produção de geléias, doces, biscoitos, pães, café, fubá, socol (embutido de carne de porco originário da Itália), leite, queijo, ricota, iogurte, vinhos, licores e cachaças. Algumas propriedades também produzem verduras e frutas sem uso de agrotóxico. Outras se dedicam ao artesanato como brolhas (técnica que consiste em dar nós nos fios do próprio tecido), bordados, tapeçarias, *patchwork*, bolsas, crochês, pespontos, trabalho em madeira, tecidos e outros.

Dentre essas variadas formas de produção artesanal, o bordado é a atividade que predomina no trabalho realizado pelas mulheres. Esta atividade foi escolhida como objeto de estudo, devido à sua expressividade como tipo artesanal. A produção das peças bordadas consistiu no fator norteador das análises das percepções e significados da expressão cultural das artesãs.

Neste sentido, investigou-se na cidade de Venda Nova do Imigrante a alocação das artesãs, que estão inseridas em dois movimentos de voluntariado (Voluntárias Pró-Hospital Padre Máximo – VPHPM e Associação de Voluntarias da APAE – AVAPAE), outras são autônomas que participam do Circuito do Agroturismo e instrutora de projeto da prefeitura. Cabe ressaltar, que as mulheres entrevistadas fazem parte das associações

de voluntárias da cidade, onde seus trabalhos artesanais são todos doados às entidades, não havendo nenhum retorno financeiro e permanecem em plena atividade. O sentido do artesanato para estas artesãs pode ser compreendido como uma dádiva. Esse sentido se respalda em Mauss (2003), que defende a dádiva como uma forma de produzir alianças. Afinal, dar, receber e retribuir são tríplice obrigações universais, mas que são organizadas de modo particular em cada contexto. O autor complementa que, a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório, envolvendo uma sociologia do símbolo e da comunicação.

1.1 Problema e importância do tema

Para contextualizar a temática essa dissertação, embasou-se na literatura relativa à atividade artesanal, trazendo colaborações no que se refere às consequências do trabalho da mulher nestes empreendimentos artesanais. Acredita-se que esta mudança de atividade da mulher – antes marcada pelas atividades agrícolas - possibilita alterar aspectos sociais, econômicos e culturais do local onde reside.

Deste modo, o problema central desta pesquisa foi desvelar como e quais eram as consequências do trabalho artesanal na vida das mulheres que o realizavam? Buscou-se compreender se o artesanato tinha alguma relevância para a vida socioeconômica e cultural das artesãs da cidade de Venda Nova do Imigrante-ES, bem como identificar os significados do trabalho artesanal na vida dessas mulheres.

A importância desta pesquisa está no aprofundamento dos estudos sobre as consequências das atividades artesanais desenvolvidas por mulheres, a partir de uma abordagem qualitativa. A literatura apresenta e discute a constatação de que, entre os membros da família há uma expressiva participação das mulheres, por meio das quais são proporcionadas significativas mudanças no âmbito econômico familiar, que se revela como novas opções de geração de emprego e renda para o meio rural.

Sendo assim, a maior parte das reflexões limitam-se a discutir, sobre artesanato, na esfera econômica, como uma fonte de geração de renda, diminuição do êxodo rural exemplificado pelos trabalhos não agrícolas, ou mesmo na forma de alternativa de ocupação para as populações mais carentes. Mas são escassas as reflexões que enfocam os diversos meios de inserção nesta atividade, embora sejam explorados outros campos investigativos. Deste modo, a pesquisa se mostrou relevante no que tange a

identificação das motivações e percepções desta atividade de produção do artesanato por parte das mulheres artesãs.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este estudo objetivou examinar a percepção das artesãs do município de Venda Nova do Imigrante-ES, quanto ao sentido da produção artesanal em suas relações sociais e culturais.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a cidade de Venda Nova do Imigrante - ES;
- Traçar o perfil socioeconômico das mulheres que produzem artesanato no referido município;
- Caracterizar o tipo de artesanato produzido pelas mulheres;
- Assinalar a percepção das mulheres quanto ao seu trabalho no espaço rural;
- Identificar a motivação para realizar trabalhos artesanais;
- Analisar a percepção das mulheres quanto ao sentido da produção artesanal em suas vidas;
- Averiguar se a realização das atividades artesanais favorece a satisfação e/ou contribui para ampliar a qualidade de vida das mulheres.

2 METODOLOGIA

Pretende-se com este tópico apresentar os aspectos metodológicos que foram utilizados na operacionalização da presente pesquisa, de caráter qualitativo, numa abordagem descritiva e exploratória. Procurou-se caracterizar e compreender o sujeito deste estudo, as mulheres artesãs. O propósito foi entender o artesanato, as relações, motivações e percepções, na esfera cultural.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que tem por objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estudando as características de grupos específicos.

As pesquisas descritivas e as exploratórias são habitualmente realizadas pelos pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática, ou seja, a aquisição do conhecimento no nível da ação e da reflexão do cotidiano vivenciado. De acordo com Gil (2010), pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

2.1 Sobre o campo investigativo

A pesquisa foi realizada no município de Venda Nova do Imigrante, que está localizada na região Serrana do estado do Espírito Santo, tendo como limites os municípios de Castelo - ao sul, Afonso Cláudio - ao norte, Domingos Martins - a leste e Conceição do Castelo - a oeste (Figura 1).



Figura 1- Mapa de localização do município de Venda Nova do Imigrante
Fonte: IBGE, 2010.

Conforme dados do IBGE (2010), o município conta com uma população de 20.447 habitantes, sendo que 5.638 deles (27,57%) residem no campo. O município tem a sua economia baseada na agricultura, principalmente, do café (90% das propriedades). Antes mesmo da colonização, grandes fazendas de café floresceram no altiplano Serrano, onde mais tarde nasceria Venda Nova (emancipou-se de Conceição do Castelo em 10 de maio de 1988). Entre as fazendas destacam-se: Providência, Lavrinhas, Tapera, Bananeiras e Viçosinha. Contudo, com a abolição da escravidão, essas fazendas, que eram administradas por senhores feudais, caíram em abandono até que surgiram os colonos, imigrantes italianos, originários da Região do Vêneto e do Trento (Itália). Inicialmente, os imigrantes eram apenas 18 ou 20 famílias, posteriormente este número foi aumentando significativamente.

A comunidade surgiu com a chegada dos primeiros imigrantes em 1892, conservando até os dias atuais traços fortes da cultura italiana, apesar da dinâmica cultural, sobretudo o espírito comunitário, demonstrada em 1922 com a construção da primeira escola, a instalação da linha telefônica em 1925, e a criação da Cooperativa Agrária de Lavrinhas (1927). Venda Nova se expandiu mantendo sua identidade, até que a construção da BR 262 (Rodovia Presidente Costa e Silva), no ano de 1957, instigou maior crescimento devido à ligação com grandes centros, como Vitória e Belo Horizonte (IBGE 2010).

Segundo relatos dos moradores da região, Venda Nova já tinha este nome antes da chegada dos imigrantes. O nome surgiu porque em seus primórdios havia uma pequena mercearia, que era chamada de venda. Essa mercearia foi reformada e ficou conhecida como venda nova, quando as pessoas queriam ir para as redondezas onde ficava a venda nova, diziam ir para venda nova, e assim surgiu o nome do lugar. Como a cidade foi colonizada por imigrantes, com a emancipação em 1988, foi adotado o nome de Venda Nova do Imigrante.

Venda Nova do Imigrante foi então colonizada por imigrantes italianos, os quais fabricavam vários produtos no ambiente familiar. Este município capixaba foi o primeiro a implementar o agroturismo (prática das famílias rurais dispostas a compartilhar seu modo de vida com os habitantes do meio urbano), e tem se destacado em todo o Brasil como modelo de desenvolvimento dessa atividade, sendo conhecido como a Capital Nacional do Agroturismo. Outra característica marcante é a

preservação/manutenção das tradições culturais italianas, geradores de renda e ocupação produtiva, dentre eles o artesanato têxtil.

Para a escolha dos sujeitos da investigação foram utilizados dados fornecidos pelo escritório municipal do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural - INCAPER referente às mulheres do município que trabalhavam na produção de artesanato. Identificou-se que as artesãs estavam inseridas, quase em sua totalidade, em dois movimentos de voluntariado (Voluntárias Pró-Hospital Padre Máximo – VPHPM e Associação de Voluntárias da APAE – AVAPAE), uma pequena parcela era autônoma (propriedades que participam do Circuito do Agroturismo) e uma era instrutora em um projeto da prefeitura. Devido à maior parte das artesãs do município estarem envolvidas nos movimentos de voluntariado, optou-se por estudar este grupo de sujeitos.

As Associações de Voluntárias: VPHPM e AVAPAE – são entidades sem fins lucrativos que surgiram a aproximadamente 30 anos, a partir de uma mobilização popular acerca das carências e deficiências financeiras identificadas destas entidades. As sedes situam-se, respectivamente, em prédios anexos ao hospital e à APAE. No ano de 2013, as associações contavam com a colaboração de 130 mulheres que faziam trabalhos artesanais, doados integralmente às entidades. A comercialização das peças era feita por seus dirigentes e o dinheiro revertido para manutenção dos mesmos. Cabe ressaltar que das 130 voluntárias, aproximadamente 70% faziam todo o trabalho artesanal em casa e, as demais doavam seu trabalho no espaço das associações, organizadas em duas turmas à tarde (12h30min -16 h), uma na terça-feira e outra na quinta-feira no VPHPM; e uma turma à tarde (12h30min -16 h) na segunda-feira na AVAPAE. As associações também tinham outros funcionários e costureiras, mas estes não eram voluntários.

O contato com o campo se deu na participação na Festa da Polenta pela pesquisadora como voluntária em que, pela observação, pôde conhecer um pouco mais do contexto da cidade e as histórias das famílias imigrantes. O fato de inserir-se no contexto da festa, participando das atividades, permitiu perceber, ver e vivenciar a cultura local, e com isso a aproximação com o universo desta pesquisa.

Conhecendo o universo a ser pesquisado, as participantes foram selecionadas pela possibilidade de acesso, uma vez que o grupo mantinha uma rotina de atividade

com tempo e espaço delimitado. Os encontros realizaram-se no VPHPM e AVAPAE com as artesãs que aceitaram participar do estudo. Assim sendo, efetuou-se um total de 13 entrevistas, o que corresponde a 10% da população.

2.2 Coleta de Dados

O método escolhido foi o Estudo de Caso, que na concepção de Marconi e Lakatos (2006), refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado grupo humano e sob todos os seus aspectos. Este método reúne também o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, visando apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato.

Etapas para coleta dos dados:

- i) Estruturação do referencial teórico** - realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de cultura, artesanato, tradição, sentido do trabalho, espaço brasileiro rural enquanto lugar, e atividades femininas não agrícolas, com intuito de obter subsídios para as discussões dos resultados.
- ii) Procedimentos éticos** - a pesquisa realizou-se dentro das diretrizes universais de ética na pesquisa científica, tendo por princípio a participação voluntária das entrevistadas. A formalização desta participação ocorreu por intermédio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e Termo de Autorização de Uso da Imagem e Depoimentos (Apêndice D), assinados voluntariamente por parte das artesãs. As condições de sigilo e anonimato foram preservadas (utilizando as iniciais dos nomes das artesãs), assim como a disponibilidade de acesso das entrevistadas ao material registrado. O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, sendo aprovado em 16 de agosto de 2013 (Apêndice E).
- iii) Constituição de parceria** - sabendo-se da função exercida pelo INCAPER, como mediador entre os moradores do campo e as instituições públicas, efetivou-se contato com o escritório, para obtenção de apoio durante a realização da pesquisa (disponibilização de informações, de alojamento na região para a pesquisadora e também a colaboração dos extensionistas no deslocamento para os encontros).

iv) Escolha dos atores - com a permissão de utilizar dados do serviço do escritório municipal do INCAPER, realizou-se uma análise para obter o número de mulheres que exerciam atividades artesanais no município. Destaca-se que a seleção e o primeiro contato com as artesãs, somente foi possível com o apoio e a assistência da Economista Doméstica, que exerce função de Agente de Extensão em Desenvolvimento Rural.

v) Elaboração das entrevistas - nesta pesquisa de cunho qualitativo optou-se pela técnica de coleta de dados por meio de Entrevista Narrativa. Esta técnica é definida por Jovchelovitch e Bauer (2008) como uma entrevista orientada por um esquema da narração e uma forma de encorajar os entrevistados a expressar seus pensamentos. Na Entrevista Narrativa, o sujeito relata suas idéias e opiniões sobre acontecimentos importantes de sua vida, do contexto social de origem ao de chegada. O pesquisador não precisa descrever e descobrir a relevância teórica acerca de tudo, porém, necessita se concentrar em alguns problemas que julgar mais importante.

vi) Contato com os sujeitos da pesquisa - com os dados obtidos no escritório do INCAPER, foi realizado o primeiro contato por telefone para convidar as artesãs a participarem da pesquisa.

vii) Detalhando o momento do encontro da entrevista - definiu-se que as entrevistas seriam efetivadas com aquelas que se mostraram disponíveis no dia e horário das visitas às associações. Primeiro realizou-se uma breve apresentação do projeto, em seguida a formalização da participação com a assinatura dos termos (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Autorização de Uso da Imagem e Depoimentos), depois procedeu-se a entrevista em si, seguindo um roteiro (Apêndice A). Por último o preenchimento do quadro referente às questões socioeconômicas (Apêndice B).

Durante a realização das entrevistas, organizadas com base nas orientações dos autores Jovchelovitch e Bauer (2008), adotou-se uma lista de tópicos a serem abordados, tendo o cuidado de não deixar nenhum tópico sem ser elucidado e ao mesmo tempo não direcionando, induzindo ou cerceando a espontaneidade das entrevistadas. Conduziu-se de forma mais próxima de uma conversa informal. As intervenções foram mínimas, restringindo-se a ouvir, observar e gravar. Atentou-se para esse cuidado na condução das entrevistas para que houvesse mais espontaneidade nos relatos, sendo conduzidos, na lógica e ordem de pensamento do narrador e não na série do roteiro.

A pesquisa de Bisinoto (2007) e Tarallo (2007) também auxiliou nos procedimentos de elaboração das entrevistas, visto que usaram dessa técnica. Outra pesquisadora que igualmente utilizou o *corpus* formado por Entrevistas Narrativas argumenta que, “nada melhor do que ouvir as pessoas, escutar suas lembranças, comparar suas falas, percebendo diferenças e semelhanças entre elas”. (ALMEIDA, 2001, p. 147).

Ao contar suas experiências, as entrevistadas se sentiam mais a vontade, livres para argumentar sobre o que julgavam importante acerca de determinados temas. Nessa perspectiva, a linguagem verbal foi considerada a melhor maneira para transmitir as situações vividas.

Para responder às questões e alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recursos de coleta de dados além da entrevista, o diário de campo, utilizado para anotar os dados adicionais recolhidos, susceptíveis de serem interpretados; a gravação de voz, a fotografia e a observação, onde registraram dados de interesse da pesquisa. Por meio destes últimos, ofereceu-se à prática de observação e descrição, um suporte a mais.

2.3 Análise dos Dados

Os dados coletados foram submetidos à Análise de Conteúdo. Este método pode ser definido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que aposta no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto. O intuito principal do método é a inferência de conhecimentos relativos às mensagens com ajuda de indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2012).

Nesta perspectiva, Laville; Dionne (1999) e Coutinho (2011) afirmam que a Análise de Conteúdo pode utilizar tanto a abordagem quantitativa – que interessa por dados estatísticos, frequências, percentuais; quanto a abordagem qualitativa – que enfatiza a descrição, a inferência e a interpretação. A utilização da primeira abordagem, apoiada nos números, permite apurar significação por frequências e outros índices, mas corre o risco de no processo perder alguns elementos.

Cabe salientar, utilizando-se das palavras de Bardin (2012), que a Análise de Conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa. Dessa forma, como o foco da presente pesquisa é qualitativo,

fez-se a opção de analisar os dados coletados pela abordagem qualitativa, atentando-se às nuances de sentido contido nas mensagens/entrevistas.

Bardin (2012) organiza os procedimentos da Análise do Conteúdo em três etapas: (1) pré-análise; (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na **pré-análise** realizou-se a transposição das entrevistas e organização dos dados do quadro do perfil socioeconômico, com leitura cuidadosa dos mesmos juntamente com as anotações do diário de campo.

Ressalta-se que o tratamento das entrevistas (áudio) envolveu, como sugere Meihy (2005), três procedimentos: **transcrição** - passagem inicial do oral ao escrito, uma operação de caráter puramente técnico, sendo de grande importância para a construção da análise; **textualização** - tem o intuito de possibilitar uma melhor compreensão da narrativa, busca-se facilitar a leitura do texto por meio de adequações às regras gramaticais vigentes e da supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral; **transcrição** - procura recriar o contexto da entrevista no documento escrito, indo além de uma tradução e elaborando uma síntese do sentido percebido pelo pesquisador.

Na **exploração do material**, que constitui a etapa mais duradoura da análise, com demanda de mais tempo e esforço intelectual, ocorreu a categorização. Nesta etapa, foram feitos recortes em unidades de contexto nas entrevistas.

A condução da análise dos dados pautou-se nas seguintes categorias:

- perfil: idade, escolaridade, renda, ocupação, origem imigratória, estado civil e composição familiar.
- tipo de artesanato: técnicas que mais domina e a de maior preferência para execução, a forma como aprendeu, criatividade, momento da produção, influência de tradição na produção.
- motivação: lazer, relaxamento, terapia, manutenção da cultura.
- percepção: num primeiro momento a percepção individual, o que cada uma relatou referente ao seu sentimento enquanto artesã e, depois, a percepção coletiva, o que apareceu de forma comum em todas as narrativas. A percepção atrelada à cultura

(tradição), o que transmite e perpetua os costumes, satisfação em fazer o trabalho artesanal.

- qualidade de vida: mudanças, estabilidade, melhorias.

No **tratamento dos resultados**, realizado com maior intensidade e dispêndio de energia, procedeu-se à interpretação dos dados coletados e a discussão com aporte de teorias, que possibilitassem atribuir significações aos resultados encontrados, consolidando-se as inferências.

A interpretação foi essencial e esteve claramente relacionada ao corpus existente, de modo que fosse validada pela comunidade científica da área. Para finalizar, sistematizou-se os resultados em função dos objetivos iniciais, buscando a construção de conhecimento científico sobre o tema pesquisado.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a dinâmica da discussão proposta, que se concentra no artesanato numa abordagem cultural, procurando compreender as percepções e motivações das mulheres inseridas nesta atividade, é importante apresentar e discutir: o conceito de cultura, verificar como o artesanato se constituiu na história, o sentido e os significados do trabalho, o espaço rural enquanto lugar de moradia e trabalho feminino.

3. 1 Cultura, identidade e rituais

A cultura é vista como algo intrínseco ao ser humano. Na condição de ser social, não existe indivíduo sem cultura, não importando sua raça ou origem. A cultura é tida como diretriz e formadora da visão de mundo. Não existe cultura superior à outra, nem mais desenvolvida, nem mais lógica. Todas possuem seus princípios válidos para seus respectivos indivíduos. Portanto, todas as culturas têm o seu valor (LARAIA, 2001).

Cuche (2002) traz o sentido de que a cultura é necessária para se pensar a unidade da humanidade na diversidade. Além dos termos biológicos, fornece resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, do que a resposta “racial”. A cultura permite ao homem adaptar-se a seu meio, e este meio adaptar-se ao próprio homem e à suas necessidades.

A noção de cultura se revela então, como um instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. O homem é inteiramente interpretado pela cultura. Nada é puramente natural, os comportamentos são orientados pela cultura, e exemplificam-se pela ordem: ‘seja natural’ que significa na realidade “aja de acordo com o modelo da cultura que lhe foi transmitido” (CUCHE, 2002, p. 11).

Para se compreender o sentido do conceito de cultura, na concepção de Cuche (2002), é necessário que se reconstitua sua genealogia, resgatando então um período relevante ocorrido na França situado entre a Idade Média e o século XIX. A evolução semântica da palavra cultura se produziu na língua francesa. No século XIII, cultura significava, no latim, cultivo da terra e também dos animais. No século XVI não significava mais um estado, mas uma ação. O fato de cultivar a terra, podia se referir

então ao fato de trabalhar para desenvolvê-la. Com o passar do tempo o sentido foi sendo transformado e, no século XVIII o termo passa a adquirir um sentido figurado, sendo utilizado para significar também o cultivo das faculdades mentais.

Ao discorrer sobre a historicidade do conceito de cultura, referida como fator de diferenciação da espécie humana em relação às demais, teve-se como ponto crucial a definição proposta por Edward Burnett Tylor (1832-1917) onde cultura foi definida como: “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (LARAIA, 2001, p. 25). Tal conceito é para Laraia (2001) uma síntese de vários pensamentos com a mesma linha ideológica, os quais se desenvolveram em vários estudos como os de John Locke (1632-1704), Jacques Turgot (1727-1781) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778), que tentavam quebrar o raciocínio da relação entre natural e cultural, como domínios que se interagem diretamente.

Geertz (2008) afirma não saber se é exatamente dessa forma que todos os conceitos científicos se desenvolvem, mas em seus questionamentos também lista o caso de Edward Burnett Tylor (1832-1917), que realizou estudos que originou o conceito de cultura, intitulado de mais famoso e mais complexo, porém, mesmo reconhecendo essas qualidades o classifica como mais confuso que esclarecedor. Diante da confusão e diversidade de conceito para o termo cultura, Geertz (2008) destaca que o objetivo de seu trabalho é desenvolver uma análise para a compreensão do conceito a uma dimensão justa, que realmente assegure a sua importância contínua em vez de debilitá-la.

Deste modo, o conceito de cultura apresentado por Geertz (2008, p.15), caracterizando “o homem como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, foi analisado como sendo um conjunto de sistemas, ou seja, de teias de significados - o mito, a religião, a arte, a escrita, a comunicação, a moda, os hábitos sociais e o próprio homem ser complexo de significados. Através da compreensão desses significados pode-se constituir uma ciência interpretativa ou obter conceitos mais definidos de cultura.

Uma das características da cultura é o dinamismo que tem como causa principal a capacidade do ser humano de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los. Em outras palavras, a cultura é sempre alterada de forma mais rápida ou mais lenta,

dependendo de cada civilização, isto porque o ser humano é capaz de rever seus princípios e sempre busca uma forma de aperfeiçoá-los ou transformá-los. Ao afirmar que todas as culturas estão sempre em constante mudança, o autor demonstra a importância de se entender tal processo, já que se poderá ser mais tolerável aos novos comportamentos e, além disso, com os comportamentos de outras culturas (LARAIA, 2001).

A dinâmica da cultura, que escapa dos sentidos e, por isso exige um esforço intelectual para sua compreensão, induz a uma concepção maior de cunho científico em qualquer que seja a área de atuação. Assim, concluiu-se que a análise cultural é intrinsecamente incompleta e quando mais profunda menos completa (GEERTZ, 2008).

A cultura possui uma lógica própria que não pode ser transferida para outro sistema cultural. Para se entender essa lógica, deve-se compreender as categorias que a constituíram e seus processos de classificação. Um exemplo disso é não poder explicar para uma tribo indígena que as doenças provem de germes, pois ela não conhece o microscópio, e assim cria seus mitos que explica os males (LARAIA, 2001).

Ao trazer a questão cultural, mostra-se que os eventos, os fatos, os acontecimentos, os episódios, têm existência e sentido no momento, na época e no lugar de sua ocorrência. Cabe ressaltar, o recorte que a antropologia realiza de uma determinada cultura é o que a singulariza de outra, tais como no ensaio de Geertz (2008), que analisa especificidades da sociedade marroquina e situa a sua identidade cultural.

Referindo-se à identidade, tem-se que a autonomia cultural é muito ligada à preservação da identidade coletiva. Os termos cultura e identidade têm definições que remetem a uma mesma realidade. Nesse sentido, Cuche (2002) traz a concepção de identidade cultural, que remete ao grupo original de vinculação do indivíduo, ou seja, a sua origem, suas "raízes", seria então tudo que definiria o indivíduo de maneira real e verdadeira.

Ampliando a discussão, insere-se a reflexão de Geertz (2008) quanto à importância, transmissão e ocorrência da cultura/tradição, pois é pública porque o seu significado também o é. Mas, analisando a transição das sociedades tradicionais para as modernas, é comum considerar a tradição como intrinsecamente conservadora. No entanto, pode-se dizer que possui papel de transformação, envolvendo processos ativos

de reconstrução e nessa ação faz a ligação do presente com o passado (GIDDENS, 2001).

Assim sendo, Giddens (2001) diz que a tradição tem a missão ou funcionalidade de manter coesão e influenciar a ordem social. O autor observa que essa funcionalidade não se opera de maneira mecânica e repetitiva ao longo do tempo, mas, se constitui por uma intencionalidade de perpetuar os aspectos que geram identificação e segurança.

No uso desta noção de tradição, se concebe como uma cultura reificada, uma espécie de dado preexistente a qualquer forma de relação social. Cada ser humano não poderia escapar de sua origem, da mesma forma que também não pode esquivar de seus caracteres genéticos (CUCHE, 2002).

A tradição também está ligada à memória, especialmente a memória coletiva, envolve ritual, e ao contrário do costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. Nesse contexto, o ritual tem um sentido, posto de forma intencional e como algo dotado de sentido pelos membros da sociedade, que conhecem a intencionalidade e estão conscientes de seu sentido (GIDDENS, 2001).

Na concepção de Giddens (2001), memória diz respeito à organização do passado em relação ao presente. O passado não é preservado, mas continuamente reconstruído, enquanto ritual é um meio prático de se garantir a preservação, conferindo integridade às tradições, já que a tradição é necessariamente ativa e interpretativa.

O conceito de cultura foi apresentado por diversos autores como Giddens (2001), Laraia (2001), Cuche (2002) e Geertz (2008), que em resumo infere-se a sistemas adaptados pelo biológico, cuja mudança equivale ao processo de seleção natural. A cultura também foi designada por um sistema de conhecimento para que o indivíduo possa operar dentro de uma sociedade, além de apresentar a abordagem de que seria todo um acúmulo de um sistema simbólico. A reprodução da tradição como ritual pela sociedade, mesmo que reinventadas, se convertem em opção de estilo de vida, que proporciona garantia de adesão a uma identidade cultural, instaurando um caráter autêntico, pela habilidade em reconstruir o passado com base no presente. Dentro desse contexto, será aprofundado/apresentado a seguir o artesanato como elemento cultural, sua funcionalidade e suas especificidades.

3. 2 Artesanato como elemento cultural

Para falar do artesanato, Sennett (2009) faz um estudo filosófico da técnica como uma questão cultural, utilizando a análise de registros históricos da civilização, voltando à Grécia antiga, recorrendo às virtudes do “deus dos artífices”, Hefesto, repleto de habilidades produtoras de civilização, pois esta atividade teria tirado as pessoas do isolamento, colocando-as no contexto de comunidade.

Ao tratar do artesanato, Sennett (2009) é incisivo quanto à ideia do vínculo entre a mão e a cabeça, conectando-as e com a própria evolução cultural. O autor explora as possibilidades do uso das habilidades artesanais e sua importância, enfatizando o uso das mãos e reabilitando as atividades artesanais, colocando-as no mesmo patamar das atividades intelectuais.

Neste sentido, a atividade artesanal se torna tema relevante por ser considerada, ao mesmo tempo, tradicional e atemporal. Sendo assim, é vista não somente como uma forma de sobrevivência econômica, mas como uma atividade que demanda habilidades específicas, próprias do indivíduo que a exerce, o que leva a ser, portanto, uma atividade criativa (DUARTE, 2013).

Etimologicamente, a palavra artesanato se origina do Latim “*ars*” que significa a capacidade de fazer algo, e que posteriormente assumiu o significado de Arte (DUARTE, 2013). Em termos conceituais, o artesanato é definido pelo SEBRAE (2004, p. 21), como “toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”.

Contudo, a discussão em busca de uma definição universal para o termo, revela que o significado adquirido depende da área de conhecimento de origem do pensador ou praticante. Desta maneira, a atividade artesanal pode ser analisada sob diversas formas histórica, econômica, social, cultural e ambiental (DUARTE, 2013).

Na dimensão econômica, segundo Maturana *et al* (2011), o modelo de produção artesanal é expressão de um sistema auto-organizado, cujo artesão domina uma técnica sem a informação sistêmica típica da produção industrial. Isso traz consequências tanto positivas, ao deixar o artesão livre para a criação de seu próprio padrão de trabalho, quanto negativas, ao limitar a atuação do mesmo em um mercado mais competitivo.

No que se refere da ótica social, o artesanato está relacionado diretamente como forma de expressão do criador (DUARTE, 2013). Nesse sentido, Santos et al. (2010) declaram configurar como detentor de uma série de conhecimentos, hábitos e valores, obtidos por seus semelhantes, que se reconhece como membro de seu grupo, interagem além do seu local com outras culturas, e também transmitem às gerações futuras sua cultura com especificidades de sua comunidade.

Em relação ao aspecto cultural, Duarte (2013) diz que o artesanato é reconhecido como uma contrapartida à massificação e uniformização de produtos. A sua existência deve ser analisada além das técnicas e processos produtivos, uma vez que está intimamente ligado à reciprocidade das relações com o ambiente em que atua fazendo parte, inclusive, do patrimônio histórico local, regional ou global.

No que se refere aos artesãos, pode-se dizer que essa denominação surgiu entre os séculos X, XI, XII em torno dos castelos europeus nos chamados burgos. Nesta época, a matéria prima utilizada era própria da região e a produção seguia mediante as técnicas tradicionais oriundas das formas de vida e história dos artesãos (MARTINS, 1973).

Roizenbruch (2009) explica que, desde essa época o artesão tem a responsabilidade de repassar suas técnicas e sua experiência de geração em geração, fazendo com que o artesanato se torne uma prática que associa “o passado ao presente”.

Vale ressaltar que, a característica artesanal do trabalho, de acordo com Carmo, (2011), não recai sobre o produto final, mas sobre a técnica em que é manufaturado, da qual se extrai a distinção entre trabalho artesanal e manual.

Melo *et al* (2002) apresentaram os aspectos inerentes, de maneira especial, aos artesanatos de ordem tradicional e de referência cultural e afirmaram:

O artesanato é um exemplo de produção cultural popular que resistiu e resistirá a todas e quaisquer alterações impostas pelo tempo. O artesanato acompanha o tempo sem querer vencê-lo e não aceitando sua dominação. Assim, na atualidade os valores do passado estão mais vivos e são ressaltados no imaginário que povoa a criação de uma cultura material adaptada ao universo contemporâneo (Melo *et al* 2002, p. 11).

Corroborando com as conclusões de Melo *et al* (2002), em 2004, o SEBRAE elaborou uma classificação do artesanato, trazendo uma conotação de tempo e espaço,

além da correlação direta com o artesão. Essa classificação foi criada por detectar a ausência de uma definição conceitual do Programa SEBRAE de Artesanato, o qual se baseou num enfoque programático comum, coerente com a pluralidade da produção artesanal brasileira, de forma que pudesse atender cada Estado como suas especificidades, sem perder a abordagem sistêmica. Então, para definição e ordenamento das demandas do Programa, foram adotados os conceitos que se encontram organizados no quadro a seguir:

Quadro 1 - Classificação do artesanato pelo Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE.

Artesanato indígena	Objetos produzidos no seio de uma comunidade indígena, por seus próprios membros; em sua maioria, resultantes de uma produção coletiva, incorporada ao cotidiano da vida tribal.
Artesanato tradicional	Conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo representativo de suas tradições. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos e sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositário de um passado, acompanhando histórias transmitidas de geração em geração.
Artesanato de referência cultural	Produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, sempre preservando seus traços culturais mais representativos.
Artesanato conceitual	Objetos produzidos por pessoas com alguma formação artística, de nível educacional e cultural mais elevado, geralmente de origem urbana. Tem na inovação o seu elemento principal. Por detrás desses produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores.

Fonte: SEBRAE, 2004.

Carmo (2011) acrescenta que o artesanato diz respeito à produção de caráter familiar, no qual o artífice realiza todas as etapas da produção, por meio de trabalho manual, sem que utilize moldes repetitivos ou com a ajuda de ferramentas simples,

repletas de sua cultura, crenças e tradições. Porém, vale ressaltar que nada impede que exista fora do âmbito familiar, por exemplo, em cooperativas e associações.

Nesta perspectiva, nota-se também que o artesanato é uma atividade secular hereditária, transmitida pela relação de mestre e aprendiz ou alcançada por intuição. Na medida em que trabalha numa peça artesanal, o artesão produz nela a sua identidade cultural e a de um povo, abarcando as suas crenças, tradições e hábitos (CARMO, 2011).

Duarte (2013) conclui que, o artesanato requer, além da habilidade, capacidades artísticas e criativas e, por isso, os produtos apresentam identidade e autenticidade. Pinho (2002) reforça que mesmo com o crescimento do mercado, a produção de um artesanato genuíno ainda é pequena.

No Brasil, o caráter amador e não produtivo do artesanato doméstico mantém-se como forma de marcar a distância da dona de casa dos trabalhos braçais sujos, pesados e repetitivos. Para se mostrar eficaz, portanto, o artesanato doméstico tinha que apresentar afinidade com a arte, com isso provando ser uma prática criativa e não-repetitiva, e manter-se fora do mercado, para não levar ao questionamento a competência do chefe de família em ser o provedor da casa (CARVALHO, 2008).

Contrariando essa realidade, nota-se que os jovens, quase sempre, vêm buscado opções de trabalho fora de sua comunidade, sendo este um fato que leva a perda da prática artesanal e da tradição (LODY, 1983).

Medeiros (2011) pode exemplificar esse fato ao apresentar o caso do estado do Rio Grande do Norte, em especial, o município de Natal, na Vila de Ponta Negra, onde há um grupo de mulheres rendeiras com idade superior a 65 anos, sendo a sua maioria octogenária, trabalhando com a técnica do bilro (tipo de renda confeccionado com bilros - peça semelhante ao fuso, de metal ou madeira). Percebeu-se que as filhas e as netas dessas mulheres não demonstravam interesse em continuar desenvolvendo tal atividade. Porém, quando esta passava por meios de divulgação, as mais jovens passaram a ver possibilidades para além da continuidade cultural, ou seja, viram a possibilidade de extrair o sustento financeiro, além de vislumbrarem a garantia de um futuro profissional.

Com isso, observa-se a necessidade de que as culturas tradicionais não fiquem apenas nas lembranças dos anciãos. No entanto, nota-se que as tradições estão em processo contínuo de mudanças e são essas mudanças que fazem com que o fazer local

na perspectiva da produção artesanal, não seja exaurido com o passar dos tempos (MEDEIROS, 2011).

Após esta exposição sobre o artesanato, abre-se espaço para discorrer sobre os significados do trabalho no âmbito da cultura, desvelando os sentidos deste ofício, que é considerado algo tradicional, para os artesãos que o realizam.

3. 3 Tradição e Sentido do Trabalho

Na concepção de Wagner (2010), os artefatos que a sociedade produz ou cria é definida pela aplicação, manipulação, reatualização e descobertas. Todo e qualquer tipo de trabalho, seja ele inovador ou meramente produtivo, adquire sentido em relação à cultura, o que constitui sua conjuntura de sentido.

Seguindo os delineamentos de Wagner (2010), infere-se que as “instituições culturais” de uma cidade seriam seus museus, bibliotecas, orquestras sinfônicas, universidades. São nesses locais que são conservados com regulamentos especiais os documentos, os registros, as relíquias. Dessa forma então, a “arte” ou “cultura” é mantida viva. O conservatório musical é considerado bom exemplo para entender a atmosfera reverente para a prática de estudos, ensaios, recitais e concertos, os quais são essenciais para que a música sobreviva. Nesse sentido, as instituições culturais não apenas preservam e protegem como também sustentam e propiciam a continuidade dos resultados do refinamento do homem.

Preserva-se de muitas formas o que se traduz de cultura para nós, sejam as ideias, fatos, relíquias, segredos, técnicas e documentos. Tudo isso pode ser denominado de “nossa cultura” ou “tradição”, totalizando o somatório das maneiras de fazer as coisas e do conhecimento adquirido que, juntos, caracterizam a tradição de um povo. Conforme destaca Giddens (2001), que a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma a influenciar sobre o presente; mas em certo sentido, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas instituídas são empregadas como outra maneira de se organizar o tempo futuro.

Desta forma, há um aspecto imaterial no capital humano, o desejo de verdade, de justiça, de beleza que o homem tem e que se cogita não somente na vida pessoal e familiar, mas em sua vida econômica e social. Na visão de Vittadini e Lovaglio (2009),

o mundo do trabalho não precisa de robôs em sua produção, mas sim de homens capazes de pensar, tomar consciência de todos os fatores, de arriscar, que olhem a realidade e gerem obras empreendedoras, além de desenvolver o seu trabalho com entusiasmo e inteligência.

No pensamento de Wagner (2010), o trabalho dotado de significado, produtivo, que também é chamado de “labor”, é à base do sistema de crédito e, a produtividade, a aplicação e a implementação do refinamento do homem por ele próprio, consiste no foco central de nossa civilização. Tal argumentação justifica o alto valor atribuído à “cultura”, pois ela representa o incremento criativo, trabalhoso que cria trabalho e conhecimento e que também vem moldar o próprio valor cultural.

É importante notar que a motivação laboral, apesar de estar vinculada à ação, não se origina unicamente “dentro” do indivíduo, conforme argumenta Wagner (2010, p.99):

Ela é parte do mundo da convenção e da ilusão do qual participamos [...] É somente a convenção cultural, se bem que nesse caso uma convenção motivada, que resolve as situações de nossa ação e nossa invenção nas fronteiras culturais dos indivíduos, "movimentos", espíritos - guia, ou nas formas culturalmente apropriadas de "impulsos", "instintos", "a alma" e assim por diante. As motivações podem ser "dispostas" por aquilo que uma pessoa faz, por aquilo que outros fazem, por uma situação em que a pessoa se encontre, e a forma e a fonte da motivação são sempre uma função das distinções convencionais por meio das quais essas coisas são interpretadas (WAGNER, 2010, p.99).

Vittadini e Lovaglio (2009) complementam que no trabalho, são necessárias qualidades relacionadas ao empreendedorismo, criatividade, motivação, flexibilidade e que tais qualidades não são criadas e nem treinadas. Sendo então, ligadas a um sentido de gratuidade e paixão por aquilo que se faz.

Do ponto de vista da produção do artesanato e da caracterização da atividade produtiva, estudos apontam que o trabalho artesanal é identificado pelos artesãos com atribuições de significados e sentidos elaborados a partir de aspectos simbólicos e culturais que extrapolam a esfera econômica (CHAVES, 2013; BONILHA e SACHUK, 2011; COUTINHO, 2009; MIGUEL, 2007).

Coutinho (2009) identificou dificuldade em distinguir o uso dos termos 'significado' e 'sentido' nos estudos sobre trabalho, pois esses são utilizados ora como sinônimos, ora como conceitos distintos.

Tolfo e Piccinini (2007, p. 44) sugerem que “mesmo havendo vários estudos diferentes sobre sentidos e significados, há algo em comum entre eles: estes são produzidos pelos sujeitos a partir de suas experiências concretas na realidade”. Na concepção das autoras:

os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto, ao passo que os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano. Sendo que essas transformações que os sentidos e significados sofrem, são construídos por meio de uma relação dialética com a realidade (TOLFO e PICCININI, 2007, p.44).

De fato, observa-se em estudos com artesãs, que as construções de significados sobre o trabalho estão associadas à sua vida cotidiana e à sua inserção nas comunidades de origem.

Bonilha e Sachuk (2011) em estudo realizado com artesãs da área rural do Paraná, identificaram que o valor atribuído ao trabalho artesanal e o processo de construção e constituição da identidade dessas mulheres, está atrelado ao reconhecimento social, que reforça as ideias de que o trabalho é fonte de autoestima, autorrealização e geração de renda. Além disso, “as artesãs sentem-se como parte do grupo, possuem o sentimento de pertencer e encontram-se ‘psicologicamente’ entrelaçadas com o destino do grupo, o que atribui, dessa forma, sentido às suas vidas” (BONILHA e SACHUK, 2011, p. 434).

Miguel (2007) traz contribuições, no sentido de que o trabalho manual é compreendido como um saber-fazer, que elenca dois eixos: o sentido do fazer e o sentido das experiências. Logo, tem um fazer que não se desvincula dos saberes e, esses saberes nascem das fontes do fazer. Assim, quanto mais se faz, mais experiência se obtém e quanto mais a experiência é formada por esse fazer, mais saberes se materializam.

Esse saber-fazer manual também proporciona aos artesãos sentimentos de autonomia, ao adquirir domínio quanto ao tempo e quanto à técnica de execução. Com relação ao tempo, tem-se o poder de decidir quando e quanto utilizá-lo e, assim podem

controlá-lo. Quanto à técnica de execução, o fato de poder escolher como proceder na produção artesanal, confere o caráter de autonomia (MIGUEL, 2007).

Após a discussão sobre o sentido e significados do trabalho artesanal, faz-se necessário estender a compreensão do lugar/ambiente onde estas atividades estão inseridas, no caso desta pesquisa, o espaço rural.

3.4 O espaço rural e o trabalho das mulheres rurais

O espaço rural vem sendo estudado por diferentes autores que tratam das transformações ocorridas ao longo dos anos sobre diferentes olhares que dão suporte para se entender as transformações que vem acontecendo no mundo rural a partir da interação cada vez mais intensa do rural com o urbano. Nesta perspectiva têm-se os estudos sobre as novas ruralidades abordados por Carneiro (1998; 2008; 2012) e Wanderley (2000; 2009), o surgimento de atividades não agrícolas por Graziano da Silva, (1999), Campanhola e Graziano da Silva (2000).

Com relação à discussão sobre a definição de rural é praticamente inexaurível, mas parece haver certo consenso sobre alguns pontos. Para o IBGE (2010), o termo rural refere-se a área externa ao perímetro urbano de um distrito, composta por setores nas seguintes situações: rural de extensão urbana, rural povoado, rural núcleo, rural outros aglomerados, rural exclusive aglomerados. Para Kageyama (2008), o rural não é sinônimo de agrícola e nem tem exclusividade sobre este; o rural é multissetorial (pluriativo – com inúmeras formas de trabalho, sobretudo combinações entre trabalhos agrícolas com outros trabalhos fora ou dentro da propriedade) e multifuncional (funções produtiva, ambiental, ecológica, social), as áreas rurais têm densidade populacional relativamente baixa, não há um isolamento absoluto entre os espaços rurais e as áreas urbanas. Redes mercantis, sociais e institucionais se estabelecem entre o rural e as cidades e vilas adjacentes.

Notam-se, nas duas últimas décadas do século XX, questionamentos sobre as transformações ocorridas no meio rural sob duas perspectivas. Uma delas menciona os indícios do desaparecimento das populações rurais devido ao êxodo rural. A outra que observa e constata as estabilidades que estão ligadas as atividades pluriativas e não agrícolas, as reconstruções e ressignificações de atividades desempenhadas pelos rurais como turismo rural entre outras que passam a valorizar os espaços e utilizá-los como

uma forma de obter renda decorre as emergências de processos sociais e ambientais que dão especificidade a esta forma socioespacial que é a ruralidade (KAGEYAMA, 2008).

Dentre os estudos que tratam da ruralidade, mais especificamente sobre a nova ruralidade marcada pela valorização da identidade rural brasileira se destaca as pesquisas de Carneiro (1998; 2012) e Wanderley (2000; 2009), que defendem o renascimento do rural, na ressignificação dos seus modos de vida ancoradas na perspectiva teórica do geógrafo francês Bernard Kayser. Para tanto, as autoras afirmam que o rural brasileiro não caminha para seu esvaziamento, e sim para as transformações que vem acontecendo onde sobressaltam as especificidades sociais, econômicas e culturais de cada região, denominadas como “novas ruralidades”.

Para Carneiro (1998) a nova ruralidade contribui para a racionalização da vida rural permitindo que diferentes atividades realizadas pelos rurais passem pelo processo de novas significações, como o exemplo do turismo rural, cada vez mais valorizado pelos serviços de lazer, alimentação, comercialização do artesanato produzindo no local entre outras atividades pluriativas, que crescem no mundo rural e possuem um caráter heterogêneo tanto no aspecto social, como no econômico e cultural, mostrando as diferenças regionais com identidades diferenciadas e ressignificadas, principalmente pela demanda urbana que buscam por estes serviços.

Acontece então um contato mais próximo dos rurais e dos citadinos. Há uma interpenetração dos espaços, o rural e o urbano que passam a realizar trocas simbólicas e materiais. Assim, a ruralidade passa a ser caracterizada como um processo dinâmico que se reestrutura constantemente através da ligação de elementos culturais das realidades locais que passam a incorporar novos valores, hábitos e mudanças. Neste movimento, percebe-se uma diluição das fronteiras entre o rural e urbano indicando para uma aproximação cada vez maior entre ambos (CARNEIRO, 1998; 2008).

Com relação ao processo de diluição das fronteiras, Favareto (2007) destaca que a ruralidade trás consigo uma parte da longa evolução dos espaços que passam a se integrar em um *continuum* dentro de um processo dinâmico de trocas de bens e serviços.

Dentro desta discussão, Wanderley (2000) ressalta que as diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas apontam não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade. Deste modo, há consenso entre os estudos que identificam as transformações profundas por que passa a sociedade no período atual,

mas entende que o rural não se “arruína” nesse processo, ao contrário, reafirma-se sua importância e particularidade, principalmente pela valorização das atividades pluriativas.

Para Wanderley (2001), as famílias, pluriativas ou não, são depositárias de uma cultura, cuja reprodução é necessária para a dinamização técnico-econômica, ambiental e sociocultural do meio rural. Da mesma forma, o lugar da família, ou seja, o patrimônio fundiário familiar se constitui num elemento de referência e de convergência, mesmo quando a família é pluriativa e seus membros vivem em locais diferentes. Daí, a importância do patrimônio fundiário familiar e das estratégias para constituí-lo e reproduzi-lo, sobretudo em um processo que valorize a identidade territorial.

De acordo com Wanderley (2001), a cultura é indissociável de um sentimento de pertencimento. O agir humano cristaliza-se na identidade com o lugar em que vive – criando uma relação com o território. Este, por sua vez, permite recortes analíticos, horizontais e verticais. Passando para o plano concreto, há situações em que o território ultrapassa os limites estaduais, como por exemplo, os parques e reservas.

Nessa perspectiva vale ressaltar que a expansão da sociedade urbano-industrial e as transformações por ela engendradas no campo não implicam obrigatoriamente na descaracterização das culturas locais, ou tradicionais, mas na redefinição ou reelaboração de práticas e códigos culturais, a partir da relação de alteridade com o que é reconhecido como “de fora”, de maneira a poder consolidar a identidade local com base no sentimento de pertencimento a uma dada localidade (CARNEIRO, 2000).

Wanderley (2000) corrobora essa ideia que nas sociedades modernas, o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá, não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais, da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda “ressignificação” de suas próprias funções sociais.

Outra posição associada ao meio rural, apontada por Wanderley (2000), refere-se a uma melhor qualidade de vida que pode aspirar o conjunto da sociedade, inclusive, os habitantes das grandes áreas metropolitanas. Os espaços rurais deixariam de ser prioritariamente produtivos para se tornarem espaços de consumo, voltados em especial para as atividades relacionadas às funções de residência e de lazer, que vão desde as

diversas formas de turismo rural até a ocupação do campo por meio de residências permanentes ou secundárias.

Desta forma, o espaço local onde os rurais vivem e trabalham é, por excelência, o lugar da convergência entre o rural e o urbano, no qual as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário, é fonte da integração e da cooperação, tanto quanto da afirmação dos interesses específicos dos diversos atores sociais em confronto. O que resulta desta aproximação é a configuração de uma rede de relações recíprocas, sob muitos aspectos, que reitera e viabiliza as particularidades. Constitui-se como o centro do passado, da herança, dos valores profundos, da sociabilidade, que termina por ressignificá-los.

Além da ruralidade, ou nova ruralidade, outros conceitos passam a ser discutidos para tratar das novas atividades desenvolvidas no rural, denominadas por Graziano da Silva (1999) e Campanhola e Graziano da Silva (2000) como atividades não agrícolas que compõe o que os autores tratam de novo rural.

De acordo com Graziano da Silva (1999) é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, dado que se associa ao aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento. Também nota-se um fenômeno marcado pela procura de formas de lazer e, até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas residentes da cidade. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência.

No que corresponde ao mundo rural, outras funções se desenvolvem colaborando para que as pequenas localidades, identificadas com o modo de vida rural, fossem valorizadas, exemplifica-se pelo destaque na questão ambiental. A busca de alternativas menos agressivas, em termos ambientais, de crescimento econômico e a construção do conceito de desenvolvimento sustentável acabaram por lançar modelos alternativos de produção, consumo e qualidade de vida (WANDERLEY, 2001)

Esse “novo rural” apresenta-se como ambiente cercado de fontes de bens imateriais, simbólicos, capazes de atrair a atenção que antes não existia. A emergência ecológica foi suficiente para recolocar o rural na agenda dos debates, no que diz respeito

às práticas e aos saberes tradicionais das populações rurais, passando a ser um fator de atração populacional (WANDERLEY, 2001).

Nota-se, em relação às ponderações até agora feitas, que é relevante aprofundar a discussão sobre o trabalho da mulher nas atividades rurais e a inserção das mesmas em atividades artesanais nos espaços rurais, delineados a seguir.

No que se refere ao trabalho das mulheres rurais, diferentes autores tratam da temática, tais como Melo (2002), Brumer (2004), Osakabe (2005), Boni (2005), Melo e Sabbato (2006), Leone (2007) e Lombardi (2005). A discussão dos autores se faz importante para se entender como as mulheres compõem as transformações pelas quais o rural vem passando e conseqüentemente nas relações de trabalho.

A relação do trabalho do homem e da mulher tem seu espaço definido historicamente pela chamada divisão sexual do trabalho, onde a mulher cuida das atividades do ambiente doméstico e o homem das atividades da lavoura. No entanto, as mulheres também trabalhavam nas atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade, mas sem reconhecimento, tido uma ajuda, uma atividade complementar (OSAKABE, 2005).

Corroborando com a autora, Boni (2005) destaca que o trabalho desempenhado pelas mulheres, tanto o trabalho não remunerado ou doméstico, permanece oculta e sem reconhecimento social. Ou seja, acontece uma invisibilidade do trabalho da mulher no meio rural (MELO e SABBATO, 2006; LOMBARDI, 2005).

Melo (2002) reforça a discussão afirmando que o trabalho da mulher na agricultura familiar é gratuito e considerado “ajuda”, revelando que a atividade desenvolvida nessa forma de produção pertence ao homem, é da sua responsabilidade, é sua obrigação. O trabalho da mulher, não sendo reconhecido, ao contrário do desempenhado pelo homem, sugere que ele não gera valor econômico e social. Usando a definição mais ampla de trabalho, ele não transforma a natureza através do dispêndio da capacidade física e mental. Tudo isso reafirma a tradicional divisão sexual do trabalho.

Conforme Brumer (2004), os motivos do “não” reconhecimento do trabalho da mulher são: as tarefas executadas no âmbito da esfera produtiva (produção destinada à comercialização) só são contabilizadas como parte de um esforço coletivo, na maioria das vezes aparecendo apenas como ‘ajuda’. Seu trabalho na esfera produtiva permanece

praticamente invisível, tendo em vista que é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior (contato com extensionistas, bancos, sindicato, cooperativa, firmas vendedoras de insumos e compradores). Elas não detêm o conhecimento tecnológico necessário para administrar o estabelecimento agropecuário; bem como não administram os recursos originados com a venda da produção.

No entanto, com o decorrer dos anos o papel da mulher rural vem tomando outra forma pelo envolvimento das mesmas nos movimentos sociais e políticos, que trouxeram o empoderamento (AMORIM, 2012; DELESPOSTE, 2012) e o envolvimento nas atividades não agrícolas, que veio como um reconhecimento do trabalho feminino e uma outra fonte de renda (NASCIMENTO, 2013).

Neste sentido, Leone (2007) ressalta que é preciso levar em conta as transformações pelas quais o mundo rural vem passando, sendo que um dos pontos fundamentais está na clara tendência de ampliação das atividades e ocupações rurais não-agrícolas entre os residentes nas áreas rurais, devido ao aumento da mobilidade e também a dificuldade de parte significativa das famílias rurais de sobreviver apenas com a produção agropecuária.

As áreas rurais vêm vivenciando um novo cenário. O que antes se apresentava somente como fonte de renda à produção agrícola, com o plantio, cultivo e comercialização de alimentos, hoje há uma crescente valorização pela qualidade de vida das famílias residentes nesses espaços, com a intensificação da busca pelo lazer, e a demanda por consumo de produtos alimentícios sem agrotóxicos. Isto oportuniza as famílias rurais a gerarem novas formas de renda e a explorarem mercados diferenciados (SILVEIRA *et al*, 2006).

Lunardi e Almeida (2008) confirmam essa nova configuração do espaço rural nas últimas décadas, onde as atividades que eram essencialmente agrícolas, e constituíam a base econômica das propriedades rurais, agora abrem espaço ao desenvolvimento de atividades não agrícolas. Estas atividades vêm redefinindo as relações sociais, culturais e econômicas da população rural.

Andrade (1997) afirma que os modelos de desenvolvimento rural, historicamente, contribuíram para o acréscimo de pessoas desempregadas ou com atividades complementares não remuneradas. Porém, algumas atividades não

tradicionais começaram a ser desempenhadas como forma de garantir a sobrevivência, dentre elas, se destacam as de empreendedorismo rural.

O empreendedorismo rural na concepção de Silveira *et al* (2006), se caracteriza por acrescentar valor às atividades rurais, assegurar a dignidade humana, transportar o conhecimento científico e transformá-lo em oportunidade de renda, garantindo a autonomia. Além destas características, promove a valorização dos processos artesanais de produção, principalmente para mulheres rurais, capacitando-as a empreenderem novas formas de geração de renda, como a transformação de subprodutos em matéria-prima diferenciada.

Segundo Andrade (1997), o artesanato rural desenvolvido culturalmente pelas mulheres, era pouco valorizado como fonte de renda da família. Sendo assim, o artesanato era identificado, muitas vezes, como um complemento de renda, o que contribui para o processo de invisibilidade e desvalorização dessa produção que agrega um contingente significativo de mulheres. A valorização e aperfeiçoamento de técnicas da produção artesanal precisam de investimento, para garantir que se torne fonte de empoderamento cultural e econômico das mulheres.

No que tange a discussão de empoderamento, Deere e León (2002) expõem que é o alcance da igualdade entre homens e mulheres e, exige uma transformação no acesso pela mulher tanto aos bens quanto ao poder, isso acaba transformando as relações de gênero. Entretanto, este termo “empoderamento” tem sido empregado em diversos sentidos e, nem sempre como emancipação. Dessa forma, o conceito de empoderamento, para as autoras, aparece como uma estratégia de conquista por mulheres do Terceiro Mundo para modificar as próprias vidas, gerando assim, um processo de transformação social e, dentre as condições prévias para este processo estão a inclusão em espaços democráticos e participativos.

Ainda com o aporte dessas mesmas autoras, que destacam o empoderamento da mulher como um desafio para as relações familiares patriarcais, isso porque ocorre uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, seja em relação ao controle de suas opções de vida, seus bens, suas opiniões. Todavia, o empoderamento da mulher, por outro ângulo, libera e empodera o homem nos campos tanto material quanto psicológico, ou seja, este processo de empoderamento implica mudanças não apenas na vida das mulheres, mas igualmente nas de seus companheiros e familiares.

No que se refere às relações laborais, Lunardi e Almeida (2008) mencionam que a mulher rural ainda enfrenta dificuldades em fazer reconhecer suas atividades desenvolvidas na propriedade, pois suas tarefas apenas são consideradas como ajuda ao marido, ou seja, na atividade não agrícola, os afazeres desenvolvidos por elas são considerados como uma extensão das tarefas domésticas, invisíveis e desvalorizados. Porém, já se pode constatar a participação da mulher na “saúde” econômica da propriedade, buscando novas alternativas de trabalho dentro e fora da propriedade.

A procura por alternativas de geração de renda baseadas na economia solidaria, ou seja, a qual busca equidade socioeconômica e de gênero com promoção do consumo consciente, do comércio justo e da segurança alimentar, é uma das formas que a mulher encontra para construir a sua autonomia e dignidade. Além de ser uma atividade que trabalha a autonomia financeira, o trabalho artesanal envolve questões como as relações interpessoais, de gênero e ainda a auto-estima, pois cria condições de vivência de grupo com as demais mulheres (SILVEIRA *et al*, 2006).

Na visão de Andrade (1997), a conscientização das mulheres agricultoras de base familiar, na realização de atividade produtiva e geradora de renda, como o artesanato, incluindo-o como produção e não apenas como atividade reprodutivo-doméstica, propicia um espaço de formação, empoderamento das mulheres e a melhoria da qualidade de vida (envolvendo o bem físico, mental, psicológico e emocional) pessoal e familiar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de começar apresentar os resultados desse estudo, cabe dizer que foram realizadas entrevistas narrativas com 13 mulheres artesãs de Venda Nova do Imigrante – ES. Durante as entrevistas, as histórias relatadas expressaram muito além das palavras. Em decorrência da pesquisa ter sido realizada somente com mulheres na apresentação dos resultados, adotou-se a terminologia “entrevistada”.

Ao iniciar a apresentação dos resultados das entrevistas, fez-se necessário relatar previamente algumas peculiaridades do espaço geográfico de Venda Nova do Imigrante-ES, onde há uma tênue linha que divide a cidade do campo, ou seja, o limite entre os dois espaços não é bem demarcado. Algumas das propriedades rurais são bem próximas ao centro urbano, fato que contribui para que sua rusticidade possa passar despercebida, aos olhos dos visitantes. Porém, na análise dos resultados, chamou a atenção o posicionamento dos moradores, que demonstraram orgulho em dizer que “são da roça”, mesmo residindo nos lugares mais próximos do centro da cidade.

4.1 O enredo do espaço pesquisado / ressignificação das atividades

O município é assinalado por uma cultura de trabalho, que se fundamenta em valores como solidariedade e cooperação, observando-se uma forte presença da Igreja Católica. Estes, são aspectos marcantes dos imigrantes que fundaram Venda Nova do Imigrante. Além do espírito associativo, trouxeram consigo as tradições culturais, a alegria e a hospitalidade.

Todo este universo tradicional pôde ser observado pela Festa da Polenta - que no ano de 2013 aconteceu em dois finais de semana do mês de outubro (04 a 06 e 09 a 13) – da qual a pesquisadora participou como voluntária no primeiro final de semana do evento, na eminência de “estar entre” e “conviver com” os sujeitos pesquisados. Este momento propiciou um contato mais direto, seja pela inserção nas atividades executadas durante os festejos, seja no contato com os outros colaboradores em suas funções. Para participar da festa, todos deveriam estar trajados a caráter, de italiano do século XIX, que constituiu a ocasião em que estes imigrantes chegaram ao Brasil.

Conta a história, registrada no site da Festa da Polenta, que a ideia inicial foi do padre Cleto Caliman. Entre os dias 7 e 9 de setembro de 1979, aconteceu a primeira

festa numa estrutura improvisada no pátio do Colégio Salesiano. Um público de cerca de 150 pessoas, formado pelas famílias de Venda Nova do Imigrante, degustou a polenta e outros pratos típicos.

O objetivo da Festa da Polenta é resgatar e manter viva a cultura do imigrante italiano que colonizou Venda Nova do Imigrante há mais de 100 anos. Ao se festejar o alimento (a polenta que tem origem na região norte da Itália, sendo a base alimentar e o prato mais consumido) que até hoje faz parte da vida das famílias dos descendentes, se enaltece a música, as danças, as vestes e outros aspectos. São apresentados para a atual geração de imigrantes, e aos visitantes, todos os costumes de uma época que foi muito difícil, mas que deixou muitos ensinamentos, dentre estes, a união e o voluntariado. De acordo com esse espírito de solidariedade, a família que terminava primeiro o seu serviço na lavoura ajudava a outra e tudo terminava em uma grande festa. A força do voluntariado ergueu importantes obras comunitárias e transformou a história do lugar.

As atrações das primeiras festas se limitavam às apresentações do Coral Santa Cecília, que se encontra em atividade até os dias atuais. Como a comunidade é muito religiosa, uma missa sempre fez parte da programação. Com o passar dos anos e com o aumento do público, veio a necessidade do crescimento estrutural e organizacional. Em 1995 foi construído o Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, passando assim, a abrigar a Festa da Polenta e os demais eventos da cidade.

O início da preparação para a Festa se dá no mês de abril do ano corrente, com o ritual do plantio do milho, no qual as crianças, jovens e adultos se reúnem para cumprir a primeira parte do ritual reportando aos tempos antigos: roupas, comidas e música para confraternizar no final do plantio, tornando público esta etapa que antecede os preparativos para a festa da polenta. Nessa ocasião, a Associação da Festa da Polenta (AFEPOL), convoca seus associados para promover o plantio, o cultivo e a colheita do milho. A intenção é reviver e reconfigurar, de forma semelhante ao realizado pelos avós, todo o ritual da cultura do milho (AFEPOL, 2014).

O trabalho de preparação da Festa envolve um ciclo, que movimenta os colaboradores durante todo o ano. Dessa forma, fica difícil definir o início e o fim da festa. Logo que termina uma edição (mês de outubro), todos os voluntários são convocados para uma assembléia, onde se faz a avaliação da festa e é formada a diretoria para a próxima.

Durante os dias do evento são apresentadas algumas atrações. Uma delas é a reprodução de uma Vila Italiana em forma de painéis cenográficos (Figura 2), transformando a praça de alimentação num ambiente aconchegante. Este é um investimento em busca da identidade cultural italiana, também voltado para a arquitetura.



Figura 2 - Vila Italiana, praça de alimentação. VNI, ES.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

Outra atração, na verdade o ápice da festa, é o “Tombo da Polenta”, isto é, a ocasião em que um “panelão” gigante entorna, num recipiente, mais de 1 tonelada de polenta e depois é servido. Este episódio ocorre todos os dias da festividade à tarde, sendo o momento maior e mais esperado, se tornando “um festejo à parte” no Centro de Eventos. Enquanto não acontece a hora do “tombo”, voluntários ficam em volta do local onde é preparada a polenta, com o intuito de auxiliar os visitantes no registro de imagens mais próximas do “panelão” com a polenta. Este, é uma réplica perfeita das panelas usadas nas cozinhas das casas, onde as famílias ainda mantêm o costume de preparar a polenta.

Uma atração mais recente é o Queijo Gigante, de aproximadamente 1 tonelada, produzido dez dias antes da Festa. A inserção foi devido ao consumo na alimentação da polenta acompanhada pelo queijo. Sua fabricação fica a cargo dos produtores da Associação dos Agropecuaristas de Venda Nova do Imigrante - AAGROPE. O queijo gigante segue para o Centro de Eventos com um cortejo, rodeado pelo milho que foi plantado para fazer a polenta, ao chegar é feito o seu corte e em seguida servido ao público.

Uma atração que também acontece durante a festa, é o desfile de Eleição da Rainha da Festa da Polenta. No ano de 2013, a temática foi o período histórico Renascimento. O desfile foi assinalado pela demonstração da beleza das descendentes dos imigrantes italianos, em traje típico permite, proporcionou ao público em geral, especialmente às novas gerações, conhecer um pouco sobre o vestuário e adornos usados em dias festivos pelas ancestrais no Norte da Itália, no período que antecedeu a imigração, entre 1725 e 1900. Os vestidos empregavam tecidos caros e elegantes como seda, brocado e veludo, a saia caía com pregas largas, corpete com decotes quadrado ou circular bem acentuados e uso de rufo (uma espécie de gola constituída por uma grande roda em tecido); o leque ou o lenço, acessórios sempre usados. Ainda fazem parte da ornamentação os anéis e os colares.

Não se pode deixar de mencionar as atrações constituídas pelo Paiol do *Nonno* (vovô em italiano) e a Casa da *Nonna* (vovó em italiano). A primeira atração retrata o cotidiano das famílias, nas primeiras décadas da colonização, trabalhar na agricultura, atividade ainda predominante no município. Representa a rotina de trabalho duro e exigente durante muitos anos.

A segunda atração é uma réplica reduzida de uma casa com cozinha, sala e quarto, que tem o objetivo de resgatar e mostrar para o público visitante, os costumes do início da colonização (Figuras 3 e 4). Na sala, as *nonnas* fazem trabalhos manuais, encenam o ‘fazer’ para o turista de forma concreta, como bordados e crochê. O quarto é todo decorado de acordo com a época da colonização.



Figura 3 – Fachada da Casa da *Nonna*. VNI, ES.
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.



Figura 4 – Interior da Casa da *Nonna*. VNI, ES.
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

A imagem passada durante a realização da festa tem aspecto de uma teatralização do rural vivido pelas primeiras famílias que chegaram à cidade. Há uma ressignificação com a construção de espaços, objetos e costumes da época, que provoca no visitante uma admiração pela forma como tudo é cuidado.

A repetição ou o resgate de antigas tradições desta comunidade, conformam uma nova escala de sentidos e significados que não são os mesmos de anteriormente. Neste caso, corrobora com Giddens (2001), atribuindo valor simbólico de um ritual de identidade cultural, e que nesse momento serve de atrativo aos turistas e, não mais com o valor funcional de seus antepassados, exercendo mesmo é o papel de retratar e reforçar a cultura enquanto identidade local. O sentido de ritual também é referendado em outros trabalhos como o de Farias (2010), no qual os rituais vão além de um momento passageiro, promovem a perpetuação e a manutenção de memórias do cotidiano.

No que se refere à manutenção da tradição, legitimando a discussão de Giddens (2001), o resgate de hábitos e costumes do passado podem indicar elementos diferenciadores, os quais atribuem identidade à cidade enquanto local de vivenciar experiências dos imigrantes. Exemplo disso, é quando as atividades configuram um teatro durante a festa, ou seja, simula para os visitantes como faziam ou aconteciam estas tarefas. Esse contexto também pode ser discutido à luz das contribuições de Carneiro (1998), quando trata da nova ruralidade que racionaliza a vida rural, onde diferentes atividades – seja o turismo rural, a alimentação, o lazer, o artesanato - realizada pelos rurais, passam pelo processo de novas significações, mostrando as diferenças regionais com identidades diferenciadas e ressignificadas.

Ao se fazer uma análise pontual da Festa da Polenta, numa visão geral da organização da cidade como âmbito turístico, nota-se que a festa foi grande instigadora do turismo, ao mesmo tempo em que ressignifica as atividades como nos assinala Kageyama (2008). Assim, configura-se uma constante adaptação em função do turismo e/ou em função de acolher as expectativas dos visitantes. Vale dizer que, igualmente aos outros membros da comunidade, as mulheres entrevistadas, cuja caracterização será apresentada no tópico a seguir, também participam dessa festa como voluntárias.

4.2 As mulheres artesãs: caracterização socioeconômica

Apresenta-se nesta categoria de análise as características intrínsecas das entrevistadas como idade, estado civil, escolaridade, ocupação, renda, origem familiar (se imigrante ou não), além do tamanho/composição das famílias das artesãs de Venda Nova do Imigrante, conforme apresentado no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Caracterização Socioeconômica das artesãs. VNI, ES, 2013.

Entrevistada	Idade	Escolaridade	Ocupação	Renda (salário mínimo)	Origem familiar imigrante	Estado Civil	Nº Pessoas Residindo na mesma casa
E ₁ : A.S.	68	3 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	casada	2
E ₂ : E	66	8 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	casada	2
E ₃ : R.	54	Superior	Aposentada /artesã	1,5	Italiana	casada	2
E ₄ : M.	58	Superior	Aposentada /artesã	1,5	Italiana	casada	3
E ₅ : F.	82	Ensino Médio	Aposentada /artesã	1	Italiana	casada	4
E ₆ : C. M.	49	Ensino Médio	artesã	1,5	Italiana	solteira	3
E ₇ : T.	62	2 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	viúva	2
E ₈ : C.	77	3 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	casada	2
E ₉ : U.	58	4 série	artesã	1,5	Portuguesa	casada	5
E ₁₀ : Z.	60	4 série	artesã	1,5	Italiana	casada	2
E ₁₁ : M. D.	70	4 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	viúva	2
E ₁₂ : U. L.	71	2 série	Aposentada /artesã	1	Italiana	separada	2
E ₁₃ : A.	96	analfabeta	Aposentada /artesã	1	Italiana	viúva	1

Observa-se que em relação aos dados referentes à idade, as participantes se encontram numa faixa etária que varia entre 49 e 96 anos, tendo maior incidência as idades entre 50 a 80 anos (10 mulheres), estes dados ilustram bem a constatação do IBGE (2010), que 5,99% da população total brasileira são representadas pelas mulheres idosas.

Convém destacar que o fator idade tem grande importância quando se relaciona à atividade artesanal, uma vez que, o ofício de bordar passa de geração para geração. Conforme apresentado no perfil do grupo de mulheres investigadas (Quadro 2), há predominância da idade acima de 50 anos. As próprias artesãs demonstraram preocupação na perduração da atividade nas futuras gerações, quando conversado percebeu-se o pouco interesse das moças da cidade em aprender alguma técnica da família, sendo diferente do processo das entrevistadas que procuram manter a tradição que foi passada por suas mães e/ou avós. Esta realidade corrobora com Lody (1983), em que a geração jovem tem buscado opções de trabalho fora de sua comunidade, ocasionando possivelmente a perda da prática artesanal. Vale dizer, que no critério de seleção da amostra não houve nada que vetasse as jovens de participar.

A escolaridade das entrevistadas variou desde o analfabetismo até ensino superior (Quadro 2). Sendo que das 13 artesãs, 7 tinham ensino fundamental, dito por elas como sendo “o antigo primário de 1º a 4º séries”. Não foi examinado mais profundamente o grau de instrução, mas infere-se que, pela concentração das artesãs no nível escolar fundamental e cruzando com a idade e os relatos, constatou-se que viveram em tempos muito difíceis, pois tinham que trabalhar na roça. Estes dados corroboram com aqueles detectados pelo IBGE (2010), ao caracterizar a primeira metade do século XX como uma época onde as mulheres não eram incentivadas a investir nos seus estudos.

Analisando a condição de ocupação/renda, todas as entrevistadas se consideravam artesãs. Observa-se no Quadro 2 que as 10 mulheres se declaravam aposentadas/artesãs (apesar de voluntárias e não receber nenhuma renda pelo trabalho realizado, elas se identificam de forma diferenciada) e 3 mulheres se declararam na função/ocupação de artesãs. Ressalta-se que, neste momento, as entrevistadas que eram aposentadas pelo governo (aposentadoria rural), se classificaram como aposentadas e as que ainda não recebiam esse benefício se declararam artesã. Com base neste dado infere-se que as artesãs preferem não se declarar dependentes do artesanato como fonte de renda ou como ocupação profissional. A renda da maioria das artesãs (61,54 %) é de um salário mínimo, as demais (38,46 %) é um salário mínimo e meio. Percebe-se na fala das entrevistadas, que ser identificada como aposentada é visto como emblema de status e reconhecimento social, principalmente por receber uma remuneração formal e continuada.

Quanto à origem familiar, buscou-se conhecer a descendência das entrevistadas e o país de procedência. Considerou-se importante identificar se as habilidades artesanais tinham influência de outras culturas. Assim constatou-se que todas as artesãs pesquisadas eram de descendência imigratória, sendo uma portuguesa e as demais de descendência italiana.

Com relação ao contexto familiar das mulheres envolvidas nesse estudo (Quadro 2), verificou-se que, a maioria era casada. A quantidade de pessoas que residiam na mesma casa variou de 1 a 5 indivíduos, sendo que 8 dos arranjos era de 2 pessoas: a artesã e seu marido.

Os aspectos delineados nos itens **4.1** e **4.2** assinalaram o modo de vida das famílias de Venda Nova do Imigrante e, caracterizaram as mulheres artesãs entrevistadas. O contexto, por sua vez, aparece como um delimitador e direciona as probabilidades de ações desenvolvidas pelas pessoas que vivem nesta realidade imigrante.

A partir deste ponto, propõe-se desvelar um percurso norteado pelas narrativas das artesãs, elencando-se os componentes que mais marcaram as histórias dessas mulheres. A pergunta inicial apresentada como guia nas entrevistas foi: O que lhe fez querer se inserir na produção de artesanato? Qual sua motivação? Como se sente enquanto artesã e qual o sentido dele na sua vida?

4.3 Aprendizado e inserção no ofício de bordadeira

Com relação a esta categoria, todas as entrevistadas introduziram suas narrativas relatando como aprenderam o ofício, e diversas foram as formas de inserção. A maioria alegou ter sido repassado pela mãe, outras pela avó e/ou primas e também na escola. Ficou evidente pelas falas que o primeiro contato foi dentro de casa, no contexto da família:

(...) o crochê foi quando eu era criança a minha mãe fazia crochê, (...) ela que me incentivou, me deu um carretel de linha para começar, na escola fazia correntinha, como a minha mãe sabia fazer uns pontinhos a mais, depois que aprendi a correntinha ela me explicava como que eu fazia, como ia preenchendo, foi que comecei, está vendo? (T. 62 anos)

As falas das entrevistadas corroboram com as assertivas de Silva (2006), quando destaca que a maior parte do ensino das técnicas do artesanato pertenceu à tradição oral e, em seu percurso histórico foi marcado o âmbito familiar, com a tradição passada de mãe para filha. Também esteve agregado ao ensino formal da igreja católica, onde era ministrado o ensino do bordado nos conventos para as filhas da nobreza.

Prosseguindo ainda sobre o momento do aprendizado, todas as entrevistadas disseram vir de família numerosa, pois na época em que viveram a infância e adolescência era natural a composição familiar extensa. Mas relataram que esse fato não impedia que suas respectivas mães se dedicassem no ensino do bordado:

Porque a gente vem de família numerosa, entendeu? Mesmo assim a mãe não deixou de ensinar a gente, entendeu? Tem hora que eu fico pensando como a minha mãe teve esse capricho de tirar esse tempo e ensinar a gente. É muita história, viu? (Z. 60 anos)

A dedicação, o esmero, o incentivo dado por suas mães na transmissão dessa ocupação era tanta que, mesmo se não quisessem aprender aquela técnica à qual a mãe sabia, procuravam outra forma de saber fazer, pois, para as famílias italianas, o artesanato era requisito obrigatório para as meninas:

Mamãe não sabia marcar [ponto cruz] não, mamãe sabia fazer esses bordados (...). Eu não gostava daquilo, e minha mãe gostava que fizesse, minha mãe fazia aquilo (bordados), fazia bainha aberta bonita e trançava a toalha. Agora marcar eu aprendi com a vizinha minha que me ensinou, rapidinho eu comecei a fazer. (M.D.70 anos)

A obrigatoriedade em transmitir esse ofício para as próximas gerações envolve o cuidado, o zelo das mães em preocupar-se com o destino social das filhas: o casamento. Mostravam assim, o que possuíam de conhecimento para que suas filhas tivessem com o que se ocupar na incerteza futura. Isso foi perceptível no contexto da fala a seguir:

Na verdade, menina, pra começar, a minha mãe tentou ensinar para todas as filhas, costurar e bordar. De tudo que é bordado ela ensinou, porque ela falou assim: “eu não sei com quem vocês vão casar e de repente precisa de trabalhar, aí vocês tem como onde se pegar”, então começou por aí (...) a mãe dizia então, tem que aprender a fazer as coisas, para vocês ter um meio de ganhar alguma coisa com isso aí, a gente naquele tempo ouvia muito os pais, aí a gente tinha medo da vida e tinha que aprender, no começo foi assim. (Z. 60 anos)

O destino social da mulher expresso na fala acima pode ser elucidado em Silva (1985), ao discutir e argumentar que o ofício da mulher era ser “rainha do lar”, tornando-se paradigma do papel feminino, e assumindo papel, socialmente atribuído de submissas, passivas e frágeis. Cabia-lhes o espaço doméstico, onde deveriam desempenhar as tarefas “naturais” de mãe/esposa/donas de casa. Este discurso ideológico era fortemente reforçado pelos meios de comunicação, que mostravam exaltação a essas virtudes da mulher.

O casamento, este era um momento pensado e preparado desde a infância, pois o intuito, desde os primeiros pontos do bordado, era o apresto para o enxoval. Todas as meninas tinham que aprontar seu próprio enxoval. Nenhuma das peças era comprada, assim elas faziam com carinho tudo para si e igualmente, quando precisavam, para suas irmãs:

(...) o enxoval não tinha quem fazia, tinha que fazer o enxoval todinho, o lençol do meu casamento eu tenho até hoje, eu guardei pra minha neta vê o que eu fiz. (Z. 60 anos)

A história do bordado se entrelaça com a história das mulheres. A forma como as entrevistadas contam o empenho de suas mães ao ensinarem este ofício, corrobora com as exposições de Chagas (2005), em que os trabalhos manuais fizeram parte por um bom tempo da formação da ‘boa mulher’. Deste modo, as marcas destes afazeres expressam-se na vida das mulheres, pois se dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades para se tornarem ‘prendadas’ e conseguirem um bom casamento, pois este era o destino social das mulheres.

As entrevistadas, ao discorrerem sobre seu início no artesanato, consideraram-no como uma “coisa” de família. As mulheres ainda discutiram de quem “puxou” a feição pelo fazer, se foi pela linhagem materna ou paterna. Todos os ensinamentos são guardados com zelo e, inclusive algumas peças resistiram ao tempo sendo uma forma de recordação familiar:

(...) esse tipo de artesanato veio pela vovó paterna, e a vovó materna trouxe outro tipo de artesanato, porque ela fazia cesta. Ela mesma ia lá para o mato colher o cipó, depois tecia cestas de vários modelos; colhia as folhas, deixava quase secar e depois tecia, fazia chapéu também. (A. 96 anos)

Os relatos mostram que o artesanato compõe uma herança preciosa deixada pelos ascendentes e que vem passando de geração para geração. Este movimento mantém o vínculo familiar e a tradição viva. A inserção nesta atividade além de gerar grande contentamento por parte de quem a transmite, também suscita gratidão por aqueles que a herdaram:

Olha bem, meu avô era artesão e teve 11 filhos. Dos 11 filhos quem ficou foi meu pai, que herdou as cestas, que como ele fazia, meu pai herdou e minha família toda faz. O artesanato pra nossa família é nossa herança que meu avô deixou. Então, hoje a minha família toda trabalha cada um com sua atividade. E outra coisa, eu acho interessante que é um resgate, né? Isso foi uma herança que meu avô deixou para gente, então eu acho assim: acho muito interessante eu poder falar com as pessoas que isso foi uma herança que meu avô deixou para gente, então ele sempre tinha um maior orgulho da gente, por a gente ter tido, ele ter deixado isso para gente, né. (...) hoje é uma herança que meu avô deixou, essa herança é o que nos move hoje, né? (C.M. 49 anos)

A tradição, o legado, as formas de como aprendiam a fazer os primeiros trabalhos na infância, compatibilizados com o trabalho na roça, trouxeram lembranças de tempos difíceis. Durante a entrevista, essas lembranças eram permeadas pelas emoções quando contavam como superavam as dificuldades. O momento de mais pesar era ao refletir sobre as futuras gerações, diante da incerteza de como elas preservariam toda essa história:

(...) 5 irmãs comigo, e todas se dedicam ao artesanato e a gente fica assim: será que nossos netinhos e bisnetos vão ser igual? Não vão não. Que a vida muda muito, né? É uma coisa diferente. Depois eles vão ter o trabalho deles... não sei, assim é uma coisa que veio muito de nossos avós, e a gente continua, não sei se nossos netos vão ser assim... (C. 77 anos)

Nota-se que, o trabalho em família representa a transmissão da tradição, mesmo em um sentido mais restrito, mas é dentro do ambiente familiar que acontecem as trocas e o aprendizado transmitido dos mais velhos para os mais novos.

Ainda fizeram parte das memórias deste primeiro contato com o ofício, que por hora foi melancólico, as recordações da pobreza que enfrentavam na infância, situação que limitava suas condições de adquirir os materiais necessários para aprender os pontos do bordado. Mas isso não desmotivou o interesse pelo aprendizado, persistindo até que

tivesse em suas mãos um trabalho pronto. Vê-se que uma das características de artesã é o seu desejo pelo artesanato, o qual faz superar os obstáculos:

E eu interessei muito. Desde criança, queria fazer crochê, mas eu não tinha condições de comprar agulha, não tinha um novelo de linha, não tinha nada disso. Aí, o que aconteceu... tinha numa costureira, eu ia lá pegava tira de pano e desfiava todinha, aquela linha ia fazendo um nó e enrolando no sabugo [de milho] pra fazer a linha, aí eu tentava com um pedacinho de pau, pelejava e não dava certo, pelejava... aí ela conseguiu um pedacinho de arame de espeto, foi com uma lima e tentou fazer uma ponta no arame e ali eu consegui. Ela me ensinou a fazer o crochê, com aquele pedaço de arame e com uma linha (igual estou te falando) de pano que foi tirado. Ali eu comecei, foi o meu primeiro passo. Eu cheguei a fazer uma bolsinha, você olhava assim era nó puro, feia a bolsinha, mais de feia ela era bonita, porque você olhava estava cheia de nó. Fiz essa bolsinha e dali eu comecei. Aí todo mundo colheu o milho, a gente catou milho na roça, aí eu vendi o milho e comprei um novelo de linha e para mim foi a maior felicidade. (U. 58 anos)

Os depoimentos mostram que o artesanato deve estar enraizado na tradição histórica e também na vida cotidiana dessas mulheres, destaca Dias (2003), pois a cultura é o resultado de uma história, na qual se inclui as relações com outras pessoas e a dinamicidade das trocas de experiências, traduzindo em aprendizado. Uma vez exposto o modo como foi o processo de ensino e de aprendizagem do artesanato de bordado, insere-se um tópico para delinear alguns aspectos sobre as artes transmitidas.

4.3.1 As técnicas e as preferências de cada artesã

Nesse contexto do aprendizado do ofício artesanal fez-se imprescindível inserir uma subcategoria relacionada à tipologia do artesanato produzido pelas entrevistadas. Observa-se que, intrínseco ao tipo estavam seus gostos, suas facilidades, suas vontades, a paciência e as preferências no ato de fazer.

Os trabalhos feitos pelas artesãs tinham teor bem vasto, seja dentro da mesma técnica, como no caso do bordado com pontos variados; seja nas mais diferentes formas de criar utilizando materiais recicláveis/reutilizáveis, matéria-prima vegetal, tecidos, dentre outros. O bordado foi o gênero artesanal de maior expressão entre as entrevistadas. Observa-se que as artesãs demonstraram gosto e apreciação por todo o universo do bordar:

É ponto cheio, ou é caseado, ou é crivo, é palestrina, nem sei quantos... ponto atrás, tudo quanto é argumento que a gente tem dependendo do bordado a gente usa, né? (F. 82 anos)

Os modelos executados e, também os conhecidos pelas entrevistadas são bem diversificados, como se percebe pela fala supracitada. Abre-se aqui, um parêntese para dizer todos os pontos identificados na observação *in loco*, que foram: (1) Ponto Crivo, (2) Ponto Cheio, (3) Ponto Matiz, (4) Ponto Corrente, (5) Ponto Palestrina, (6) Ponto Teia de Aranha, (7) Ponto Folha, (8) Ponto Caseado, (9) Ponto Cruz ou Marca, (10) Ponto Haste, (11) Ponto Atrás, (12) Ponto Ilhós, (13) Ponto Sombra, (14) Ponto Bainha Aberta, (15) Crochê e (16) Brolha (Figura 5 e detalhado no Apêndice F).



Figura 5 – Pontos dos bordados realizados pelas artesãs de Venda Nova do Imigrante investigadas
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

Observou-se que as artesãs são guiadas ao ato de executar as peças por vários motivos. Ter ou não habilidade manual é relevante, pois este é o primeiro fator de peso, além da afinidade, que influenciam o tipo de artesanato de sua preferência:

Mas o artesanato, essas coisas miudinha, muito miudinha eu não sou chegada não, eu gosto de fazer o crochê. (T. 62 anos)

Além do sentido da preferência, outra importante manifestação traduz-se no sentido de ter zelo e cuidado. Observou-se que tais sentidos relacionam-se à satisfação e à saúde. Apesar de, a situação da saúde física, limitar, por vezes, suas capacidades, outras vezes relaciona-se à melhora da saúde mental que, em contato com o trabalho, mantém a memória vivificada:

Eu gosto mais de marcar. O ponto marca porque eu não tenho muito capricho para outros panos. Então a marca não, eu conto e contando ajuda também a memória, a gente vai contando, por exemplo, aqui se eu errar 1, 2, 3... um acima outro abaixo, aí vou tirando, as vezes a gente erra, então eu faço, eu gosto porque é uma coisa mais precisa. (E. 66 anos)

Ressaltando essas falas das entrevistadas, Miguel (2007) diz que a memória é o ponto chave para esse fazer. É a partir da memória que as artesãs reconhecem os diferentes pontos trabalhados e podem inventar outros.

É relevante registrar que o artesanato atrelado aos gostos das entrevistadas, está intimamente ligado à suas origens imigratórias. Até a ocasião da pesquisa as imigrantes italianas conservam uma relação de proximidade com a Itália, seja por visitas frequentes ao país ou pela influência das revistas publicadas na Itália e frequentemente adquiridas no Brasil. A mais relatada foi a Revista *Mani di Fata*:

Essa toalha é italiana, eu comprei quando fui à Itália (...) a minha filha foi para Itália comprou aquele Mani di fata (mãos de fada), então no final ele tem tudo quanto pode pensar de ponto. (A. 96 anos)

A utilização da Revista *Mani di Fata*, uma revista italiana, pode ser interpretada como uma forma de legitimar/autenticar as suas origens, o que reforça e valoriza a tradição que as artesãs herdaram de seus antepassados com relação aos bordados. A preferência por determinados pontos é apresentado a seguir.

Branco no branco: se pudessem nominar os produtos das artesãs, assim seriam chamados, pois grande parte de tudo era feito em tecido de linho branco e ornado com linha branca. Ao olhar para o trabalho finalizado, mais parecia ter formas delicadas em alto relevo no linho, devido à perfeição dos bordados, peças belíssimas e de uma fineza inigualável.

E esse trabalho de artesanato, hoje, por exemplo, eu faço bordados. Gosto muito de trabalhar em linhos, bordados cheios esses mais finos, que são mais valorizados e não são todos vendidos aqui. São vendidos em diversos lugares. (M. 58 anos)

Essa tendência dos bordados destas artesãs pode ser interpretado em McClintock (2003), expõe sobre a cultura vitoriana, na qual a posição de dona-de-casa segue uma carreira de atos invisíveis, pois devia assegurar habilidosamente a ocultação de vestígios do seu trabalho. Deviam sempre aparecer vestindo roupas limpas, brancas e frescas – sendo um indicador de invisibilidade do trabalho doméstico. Mas por outro lado, a preferência por bordar assim, tem embasamento em Houdelier (2013) que afirma ter ocorrido no século XX, a revalorização dos bordados manuais, dentre eles o bordado a branco, sendo usado sobre peças como lençóis, toalhas de mesa e lenços. O branco neste contexto simboliza prestígio social. Os produtos, ou melhor, as peças bordadas eram em sua maioria em tecido de linho.

A produção ora estudada se concentrava em variados modelos de pano de lavabo, jogo americano, guardanapos, toalhas de mesa e de cama:

Eu gosto muito de trabalhar no linho, mas de qualquer um eu faço, eu acabei um ali esses dias. Mas eu gosto muito de trabalhar no linho, pano de lavabo, jogo americano, guardanapo. O que vier estou topando! (A.S. 68 anos)

Todavia, a atividade de bordar vai além das vontades, dos gostos, das preferências das artesãs. Este trabalho tem envolvimento com a moda, não é unanimidade através dos tempos, mas move-se e diversifica-se de acordo com cada época. Essa particularidade foi narrada por uma das entrevistadas:

Cada época tinha um tipo de bordado, eram bordados diferentes, na época que eu fiz o enxoval das minhas irmãs era o bico de crochê e era marca, não usava esse tipo de bordado mais aprimorado, já tinha passado esse tempo, agora está voltando. Esse bordado que a gente está fazendo aqui que é o matiz, o bordado cheio essas coisas estão voltando agora, vou dizer na moda, né? Então esse tipo de bordado a gente não fazia naquela época que a gente era mais nova, porque se a gente for olhar os enxovais da gente, que eu ainda tenho peça do meu enxoval, bordava-se então a marca, o rococó, usava muito rococó com aquela linha brilhosa, e a gente aprendia geralmente para fazer as próprias peças de enxoval, era mais para isso no meu caso. (M. 58 anos)

Denota-se que o bordado se caracteriza por ser um trabalho meticuloso, lento, dividido em etapas ou tarefas específicas para a confecção de uma peça (CUNHA e VIEIRA, 2009). A aproximação com o trabalho mostrou que a atividade artesanal deve ser analisada como uma categoria complexa, tanto pela tipologia como pela habilidade demandada e que, ao contrário do senso comum, não pode ser definida apenas em oposição ao sistema de produção industrial. A partir desta averiguação múltipla do artesanato, a seguir serão apresentados especificidades do momento de se executar esta prática artesanal.

4.3.2 A hora do fazer

Ainda sobre a categorização das entrevistadas com a prática do artesanato, fez-se procedente elencar mais uma subcategoria, referente ao momento da produção: a hora e o local onde se passa a feitura; quem participa ou apoia; como decorre a organização do trabalho em situação de duplicação de funções, enquanto artesã e responsável pelos afazeres domésticos.

Como as entrevistas ocorreram num recinto externo, ou seja, fora do âmbito doméstico, será retratado com mais detalhes o espaço em que concentrou a maior parte dos encontros, por ser nele que as artesãs passam boa parte do seu tempo, dividindo não só o trabalho, mas as alegrias, as tristezas, os problemas e outros pormenores de seu cotidiano.

O ambiente das artesãs na Associação das Voluntárias Pró-Hospital Padre Máximo (Figuras 6 e 7) é denominado “Cantinho das Adolescentes Apaixonadas”. Este espaço é assim intitulado, não por haver adolescentes ali trabalhando, mas pelo sentimento de jovialidade das voluntárias que se associam para doarem o que de precioso tem – a paixão de ser artesã. As artesãs mais jovens tinham em torno de 40 anos. Nas tardes de terças-feiras e quintas-feiras, conforme descrito no item 2.1 (Sobre o Campo Investigativo), as artesãs se reuniam para doarem suas habilidades, em meio às linhas, tecidos, agulhas e tesouras, apoiadas em mesas, sofás e cadeiras que contornavam o espaço nas laterais da sala. Além de tudo, ainda sobra “espaço” para a amizade e companheirismo.



Figura 6 – Interior I da AVPHPM. VNI, ES.
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.



Figura 7 – Interior II da AVPHPM. VNI, ES.
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

O clima é de animação, até as mais idosas são joviais. Além de se dedicarem ao bordado, marcavam este momento com inúmeras conversas, troca de experiências e partilhavam sentimentos. As tardes, consideradas “hora do fazer” se dividiam por um lanche, oferecido às 14h30min. Nesse intervalo de 30min, o tempo era reservado para se levantar, se movimentar, interagir, tanto entre as artesãs bordadeiras quanto entre as costureiras que ali trabalham.

A demanda das tarefas era oferecida pela associação e as artesãs se organizavam procurando se dedicar àquela tarefa mais compatível com suas aptidões. Assim sendo, cada artesã se ocupava por um determinado tipo de trabalho, identificados no item **4.3.1** (As técnicas e as preferências de cada artesã) que, uma vez concluídos eram entregues aos responsáveis pela associação para serem comercializados. Essa configuração da hora de produzir o artesanato era semelhante na Associação da APAE, pois as voluntárias são praticamente as mesmas:

Além de trabalhar aqui, eu trabalho na APAE também já tem uns 15 a 18 anos que trabalho lá também. Vou de segunda-feira faço lá, aí eu levo para casa, eu não faço só aqui não, eu hoje mesmo trouxe depois eu quero que você vai lá ver, tem um jogo americano aí (...) eu entrego tudo e já vou levando isso aqui e faço e já gosto de fazer, engomar e trazer prontinho e passadinho. (A.S. 68 anos)

Esse processo de organização de tarefas se confirma em estudo realizado por Cunha e Vieira (2009). De acordo com as autoras, a organização do trabalho se caracterizava por uma “especialização” nas etapas, pois a maioria das artesãs não executa todo o processo de produção da mesma peça.

As tarefas não eram iniciadas e terminadas apenas com o tempo disponível destes dias que doam seu tempo nas associações. As artesãs reuniam tudo que havia para ser feito e levavam para suas casas. A jornada de trabalho excedia às 4h semanais gasto na associação e, extrapolava no tempo disponível no seu cotidiano doméstico:

Agora chego em casa, bordo até chegar a noite e fico até 10 e meia, 11 horas, bom demais. Fico lá ouvindo televisão e bordando e dando uma olhadinha. O tempinho que tenho em casa estou bordando, mas arrumo minha casa todinha, só tem eu e meu marido agora, já casaram os filhos. Mas o tempinho que eu tenho em casa eu estou bordando. (A.S. 68 anos)

Diferente do que acontece com os outros empregos que as mulheres assumem para ampliar a renda familiar, conforme apresentado nos estudos de Bruschini (1990), que demonstram acumular funções entre a esfera produtiva e a reprodutiva, a dedicação aos bordados não representava uma fatigante jornada dupla de trabalho. O olhar sobre essa divisão de tempo entre artesanato e afazeres domésticos era por vezes encarado como um “milagre” do tempo:

Eu faço tudo e ainda sobra aquele tempinho, sempre tem tempo. Nunca quando a gente sai para trabalhar, nunca a gente dá conta de fazer tudo dentro de casa, você precisa ver. Mas parece que é um milagre mesmo (...) eu tenho horta, eu tenho jardim, e tudo da casa, não tenho empregada por enquanto, eu gosto da fazer e se eu por uma pessoa para fazer eu me acomodo. Esse tempo que tiro para bordar em casa eu não vejo ele, assim como não me faz falta, então é muito positivo. (E. 66 anos)

Conforme identificado nos relatos, em casa, preferem bordar a noite, em lugares variados - não tinham um lugar específico para a atividade. A sala foi a mais relatada como local onde os bordados eram feitos, e para o encontro da família, geralmente à noite para assistir televisão. Assim, as artesãs ficavam num sofá próximo e em contato com todos os membros da família:

Eu faço nas horas de folga, nas horas de folga a noite, geralmente porque eu não gosto de ver televisão, então eu tenho lá um lugarzinho que eu fico bordando, fico ouvindo a novela e fico bordando ou fazendo crochê (...) junto na sala com marido, com filho, então eles não vêem, nem olha isso não, ele só fala assim só, meu marido “pára esse negócio para eu falar”, tem vez que fala comigo. (M. 58 anos)

Embora tenha sido narrado que a predominância do tempo em casa para o artesanato seja a noite, horário constatado como o principal período de folga, ao analisar

as falas das entrevistadas com relação a seu cotidiano, percebeu-se que o ato do bordar se entremeia por todo o seu dia, desde o amanhecer até o término da noite:

Faço nas horas vagas, entendeu? Nas horas vagas que faço isso. A noite eu não gosto de televisão, pego sento, vou bordar, deu a hora de dormir, vou dormir, de manhã levanto e vou lá ver o que fiz de noite (...) eu levanto de manhã cedo e a primeira coisa que faço é ir lá no quarto olhar minhas toalhas, você acredita? (Z. 60 anos)

Observada a determinação literal da “hora” do dia dedicada a fazer o trabalho, constatou-se que eram os bordados que definiam quando deveriam ser executados. Cada tipo de bordado carecia de atenção diferenciada, seja pela luz, pelo tecido a ser aplicado, pela exatidão nas formas, pelo tamanho dos pontos, e por outras condições de exigência de cada gênero artesanal:

(...) então isso daqui eu não gosto de fazer de noite não, é bem delicadinho também, e exige muito, assim tem que ficar e a luz não é muito clara, aí gosto de fazer de dia e de noite eu faço mesmo o crochê. (T. 62 anos)

Dessa forma concorda-se com Cunha e Vieira (2009), ao registrar a diversidade na forma de organização do trabalho, declarando haver mulheres que trabalham em uma peça, confeccionando-a do início ao fim do processo, mas, a maior parte se “especializa” em alguns tipos de bordado de acordo com suas habilidades e disponibilidade de tempo.

4.4 A relação das artesãs com o espaço rural

Esta categoria presta-se a apresentar no que diz respeito à percepção das artesãs quanto a sua relação com o espaço rural, com a intenção de mostrar o envolvimento no trabalho nas propriedades rurais, o tempo que se dedicavam neste espaço entre as atividades agrícolas e o aprendizado do bordado, e também como percebiam sua vivência diária neste lugar.

Observou-se no percurso das entrevistas que as artesãs tinham uma relação bem íntima entre o aprendizado do bordado com o trabalho agrícola, pois relatavam que a forma como conseguiram aprender foi dividindo, ou mesmo após, o dia de trabalho na roça:

Eu trabalhava na roça e sabe o que fazia na hora do almoço, na hora do descanso, a minha irmã me ensinava a bordar, ou senão a noite, com lamparina não existia luz antigamente. E você pensa que tinha linha assim, olha o que fazia, panhava tecido de cor arrancava os fios e a própria linha do tecido fazia o bordado, sinceramente eu fiz muito isso sabe. A gente era pobre e não tinha dinheiro pra comprar. Então, minha irmã começou a me ensinar assim, com a linha do próprio tecido, tirava do verde pra fazer as folhas, tirava do vermelho pra fazer as flores, né. Não existia linha, ou existia, mas a gente era pobre pra compra não sei, só sei que a minha irmã me ensinava assim. (U.L 71 anos)

Este momento relatado na fala supracitada corrobora com Carneiro (1998), em que as atividades agrícolas, principalmente realizadas pelas mulheres, eram divididas com as não agrícolas. Pois afirma que a nova ruralidade contribui para que haja diferentes atividades realizadas pelos rurais e, que estas passam pelo processo de novas significações, como o exemplo o artesanato produzido no local entre outras atividades pluriativas.

Prosseguindo neste momento em que as artesãs contavam como se estabelecia sua relação com o campo, ficou claro que se davam também por influencia dos pais e avós, reforçavam que esta forma de viver vinha repassada pelas gerações e hoje se preocupam como seus descendentes olham para este habitar local:

Não sei, assim é uma coisa que veio muito de nossos avós isso, e eles eram assim, quando faltava uma coisa, quando tinha doente em uma família, eles se juntavam e iam pegar café, capinar café, alguma coisa assim pra essa família, isso vem de nossos avós, e a gente continua, não sei se nossos netos vão ser assim, não sei... (C. 77 anos)

O depoimento acima confirma as perspectivas de Wanderley (2001) e Carneiro (2000), no que se refere à cultura como um sentimento de pertencimento local, e o agir das pessoas se identifica no lugar em que vive. Assim, vale ressaltar que as transformações que ocorrem no campo não implicam na descaracterização das culturas locais, mas a redefinição ou reelaboração de práticas e códigos culturais, a partir da relação de alteridade.

No decorrer das entrevistas foi notório nas falas que o artesanato expressa hoje uma forma de descanso, repouso, lazer. Pois as artesãs diziam já ter trabalhado muito duro na roça e agora sentiam-se no direito de fazer algo para distrair e viver melhor a velhice:

É distraimento pra gente né, porque a gente já é velho não agüenta mais fazer nada, antigamente trabalhava na roça, agora depois que me aposentei, agora faço isso pra distrair, passar tempo, né! Não quer dizer que é pra ganhar dinheiro não, é pra passar as horas quando se está velho, né! (U.L. 71 anos)

Esta função do artesanato como alternativa de alívio, depois de longos anos de labor agrícola, apóia as concepções de Andrade (1997) e Wanderley (2000), pois as mulheres agricultoras de base familiar que se incluem na produção de artesanato, onde esta atividade propicia além de lazer, momentos de formação, melhoria da qualidade de vida pessoal e familiar.

4.5 Bordando é que se vive

Nessa categoria apresenta-se a motivação das entrevistadas de estarem inseridas neste universo do artesanato, sua importância para o seguimento da vida das artesãs, e como se confere a orientação, razão e/ou sentido de ser em suas histórias.

Diante das características do campo estudado, o trabalho voluntário se sobressaiu com relação aos motivos de ser artesã, pois nas narrativas o porquê de fazer artesanato igualava-se ao voluntariado. Ao se mencionar um (artesanato), o outro (voluntariado) vem por consequência natural no assunto, mostrando um vínculo intrínseco entre eles. O sentido de subsidiar se posicionou como um dos principais motivadores:

(...) o que mais me pôs para cima, me incentivou mais para fazer foi isso aqui, o voluntariado. As voluntárias e isso aqui, a gente começa vê um ponto, aí eu quero aprender esse, aí vê com um outro, ah quero aprender aquele outro (...) é isso a motivação maior, foi o voluntariado, pra ajudar o hospital sempre teve necessidade, né? E a APAE também. (A.S. 68 anos)

A questão do voluntariado associado ao artesanato apareceu também pelo fato de se constituir um grupo e, isso promove momentos de encontros e partilhas (Figura 8). Corroborando com Wagner (2010), a relação com outras mulheres trás extravasamento do seu mundo interior, ou seja, crescimento pessoal e, isso impulsiona o querer estar ali na produção:

(...) o tempo que eu gasto com as voluntárias me deixa feliz da vida, nossa é bom demais! Eu gosto demais de tudo. É um prazer tão grande

estar aqui, nossa Senhora, e é uma coisa boa que eu estou fazendo, uma coisa que eu gosto. (C. 77 anos)



Figura 8 - Convivência no grupo das voluntárias. VNI, ES.

Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

De acordo com Miguel (2007), a convivência ajuda interpretar modos de ver, de perceber, de conceber o mundo num determinado espaço e tempo. Este processo é descrito nos estudos de Bonilha e Sachuk (2011), que afirmam que as artesãs sentem-se como parte do grupo e possuem o sentimento de pertencimento.

O termo que menos justifica a razão da inserção no labor artesanal é obrigação. As entrevistadas disseram não haver nenhum sentimento de compromisso forçado, mas ao contrário, havia compromisso espontâneo em estar nas atividades. A presença acontece pela própria satisfação:

(...) eu falei assim que não ia me associar, porque as pessoas se associam para estar sendo artesã e, eu não quis porque eu falei que não quero ser obrigada a fazer isso, eu não quero me estressar fazendo isso, eu quero fazer o que tenho vontade, quando faz e me faz bem e não para ser uma obrigação (...) então eu não faço artesanato por obrigação, eu faço por prazer. (R. 54 anos)

Igualmente, não se caracteriza como pretexto, o fator renda, pois toda dedicação e empenho das artesãs não retornam em lucro, já que todo o trabalho é doado às associações. Visivelmente, o que move a iniciativa de dedicação voluntária é o contentamento de ajudar pessoas desconhecidas e também o prazer de fazer:

Então, dá assim aquela alegria de você fazer uma coisa assim, aí quando está tudo prontinho, já lavadinho, engomadinho e você vê aquilo, você fala que lindo! Aí você faz aquilo não sabe para quem. (T. 62 anos)

Os relatos comprovam que a motivação primeira para ser artesã não se configura pelo fator econômico, em contraposição do que afirma Nascimento (2013) e Silveira *et al* (2006), no sentido de que o artesanato para as mulheres de localidade rural tem o intuito de capacitação e novas formas de geração de renda. Diferentemente, alegria, carinho, prazer, amor e paixão, foram alguns dos sentimentos mais referidos em motivá-las ao exercício do ofício. O entusiasmo demonstrado na expressão desses sentidos, alegam que ocasionam grande diferencial em optarem por, cada dia mais, serem artesãs e dedicarem seu tempo ao que realmente gostam de fazer:

Olha o que mais move tudo é você gostar do que você faz, que senão, não tinha o porquê de estar aí dentro (...) é o amor que a gente coloca nas coisas, nas coisas que nós que é uma coisa, que se você faz por fazer é uma coisa, se você faz o que gosta é outra coisa, viu! (C.M. 49 anos).

Uma das razões das entrevistadas estarem nesse ramo do artesanato é a criatividade. Wagner (2010) e Ramalho (2010), afirmam que o sentido da sociedade produzir ou criar, se define pela aplicação, manipulação e descobertas do que se faz. Nas suas considerações, as artesãs declararam que, o que “anima” é o fato de poder criar, olhar e modificar. Isso indica que as artesãs se motivam pela capacidade de inovar, empregando as mesmas técnicas, mas com ideias novas:

Eu não gosto de ficar repetindo a mesma coisa o tempo todo, eu gosto de estar criando, entendeu? Vou mudando, não fica tudo igual não, conforme eu te falei, a minha animação mais é a mudança né, a gente vai criando e aí anima né. Por exemplo, eu fiz 50 bonecas, nenhuma ficou igual, todas elas ficaram diferentes uma da outra. (U. 58 anos)

Constatou-se que bem interligado com a questão da inovação/criatividade, está o sentido do aprendizado. O fato da exposição a algo novo, o despertar da vontade de saber mais e o querer se lançar para aprender, são coisas que também movem as artesãs. O saber não se faz só pelo fato de acumular conhecimento, mas se materializa no sentido de utilidade, pois as mulheres pesquisadas se enquadravam numa faixa etária mais avançada (mais de 50 anos) e o fato de querer ou de poder instruir-se traz satisfação:

Eu acho que aprendizado não ocupa lugar né, é sempre bom saber mais, e sempre tem alguém que faz diferente da gente, às vezes pode até ser o mesmo ponto, mas tem o jeito diferente de fazê-lo, então por isso que é bom o compartilhar, eu penso que sim. (M. 58 anos)

Quanto ao aspecto das artesãs se motivarem pelo ofício artesanal impulsionadas pelo fato de poder criar/innovar, Miguel (2007) destaca em seu estudo, que o fazer objetos manuais se apropria dos elementos da estética, da subjetividade e tece relações que levam a buscas e descobertas, pois a iniciativa de fazer objetos manualmente permite a criação e a invenção.

O lazer também foi apontado pelas entrevistadas como um dos ensejos, pois declararam que os momentos de encontro para os afazeres eram muito mais para divertir e descontraír, levando-as a esquecer seus próprios dilemas e, viver por algumas horas da semana um período agradável. Era considerado um descanso para aquelas artesãs:

(...) que é um lazer para mim, entendeu? E eu acho que toda mulher apesar da idade acho que tem que aprender fazer alguma coisa... (Z. 60 anos)

O envolvimento artesanal perpassa também por orientações psicológicas, pois em vários relatos, se atribui a este trabalho função terapêutica. Dentre todas as narrativas das entrevistadas em torno da questão motivacional, a palavra terapia apareceu como uma das principais movedoras, além do voluntariado e do prazer/amor:

Eu tenho muita ansiedade, por isso que é bom bordar. Tem dia que sento na varanda, nossa, e o dia já passou, tem gente que fala: o dia não quer passar, gente, mas passou tão rápido! (Z. 60 anos)

O trabalho manual pode ser uma forma de passar o tempo ou de contorná-lo (MIGUEL, 2007), amenizando a dedicação as atribuições mais desgastantes. As artesãs consideravam o trabalho artesanal uma terapia e ressaltaram sua importância para a saúde mental.

O depoimento mostrou-se muito contundente no entrelaçamento do “ter” que fazer para a vida “ter” sentido. Considerando uma fusão, como se fosse uma única coisa: a arte e a artesã. Então, o que move e rege a inserção no artesanato, é o fato de imprimir significado no viver da artesã, criando uma dependência espontânea, pois sem o trabalho artesanal se consideram incompletas:

Se eu parar de bordar eu fico doente, se eu parar... para mim eu fico doente, eles (família) não querem que eu bordo não, fala que eu não preciso disso não, é claro que eu não preciso, mas é uma maneira de viver bem, fazer a coisa que eu gosto, e quando você faz uma coisa que gosta, nada substitui...eu faço isso por prazer mesmo, não porque eu estou precisando. Ah! Sem ele eu não vivo não, sem ele não, não vivo, sem meus bordados não, não dá! (Z. 60 anos)

Sennett (2009) legitima esta constatação motivacional, em que a importância das habilidades manuais seria resgatar o valor de um fator primordial na longa empreitada humana sobre a Terra, mas que as sociedades contemporâneas vêm desprezando. Confere assim, ao trabalho uma centralidade necessária e capaz à constituição de um sentido para a vida.

Para finalizar esta categoria, observou-se uma diversificação de motivos que estimulam as artesãs a inserirem-se nas atividades artesanais, seja por alegria, carinho, prazer, amor/paixão, terapia, voluntariado, como também pelo sentido que o artesanato imprime em suas vidas, conforme discussão a seguir.

4.6 O sentido do artesanato/artesão

Esta categoria presta-se a aprofundar o estudo no que diz respeito à percepção das artesãs quanto à produção artesanal, com intuito de explicar o sentido do artesanato para as entrevistadas e o que a atividade artesanal promove e/ou proporciona para essas mulheres na esfera pessoal, social e cultural.

Os relatos já apresentados mostram que o artesanato promove benefícios na vida das artesãs. Entretanto, a presente referência busca focar como o artesanato é dinamizador do cotidiano das mulheres possibilitando uma revigoração do sentido de si, além de ativar a memória:

O artesanato né, é muito positivo, e a gente é... agiliza a memória, sabe? Estar ali, conta os pontos, porque tem que contar, agora, por exemplo, você está vendo que desmanchar debaixo eu não vi, ficou um fiozinho, deu um nozinho, aí quando fui ver que tinha acabado, oh, não pode deixar. Mas então, ele pede bastante atenção da gente, não pode estar aí, por exemplo, eu estou aqui pensando em coisas, outras coisas, a gente tem que estar ali de corpo e alma, no trabalho. (E. 66 anos)

Dessa forma, o sentido do artesanato/artesão no contexto deste estudo corrobora com o sentido de ser artesão defendido por Miguel (2007), no qual se estabelece pelo fato dos objetos representarem um meio de preencher o tempo, de lembrar ou de esquecer. Nesse caso, a atividade oferece significado à vida das mulheres.

O “ser artesão” é entendido neste contexto, como algo muito além da condição humana, que está num plano sublime. Assim, a interpretação do artesanato em suas vidas, segundo as artesãs, é uma dádiva divina. Na concepção das artesãs entrevistadas, nem todas que querem estar neste ofício podem, porque as pessoas seriam escolhidas para tal presente celestial:

E eu falo: ou você nasce ou você não nasce com esse dom, isso é Deus! Foi perfeito! Ele deu pra cada um 1 dom, de repente o que você mais gosta eu não gosto, num é? (C.M. 49 anos)

Nesta mesma linha de pensamento do artesanato como dom divino, observou-se que preocupavam com sua perpetuação. Entre as artesãs, havia entendimento de que, como forma de reconhecimento pela habilidade recebida, existia um compromisso de transmitir as técnicas para as próximas gerações, garantindo assim que não perecesse, ou deixasse de ser praticado:

Eu penso assim, já que Deus me deu esse dom, não custa eu passar, porque eu estou aqui em cima dessa terra por uma passagem, daqui uns tempos eu estarei partindo, né? E quem fica, pelo menos, vai ter lembrança de alguma coisa que eu deixei pra trás. Porque vamos supor que eu tenho um dom e guardo ele só pra mim, daqui uns tempo eu morro com dom e tudo (risos). Ah eu acho assim, eu penso de passar, de deixar aquilo para as outras pessoas também, não é para levar para debaixo da terra, eu acho que deve ensinar. (U. 58 anos)

Buscando analisar o sentido entre artesã e artesanato, constatou-se que este último também perpassa pelo valor deixado nos exemplos da família. O fato de presenciar e vivenciar o significado deste trabalho, bem como o apreço e o amor a ele dedicado, fez com que igualmente prezassem por esse legado. Diante do valor histórico e estimativo pela atividade artesanal, as entrevistadas nomearam o ensinamento familiar, como uma herança:

E meu avô tinha amor pelas coisas que fazia, nó! Ele não fazia para vender as cestinhas que ele fazia. Ele fazia, aí quando vinham os turistas ele adorava presentear as pessoas. Ele presenteava as pessoas com a cestinha dele. Ele não vendia, ele nunca vendeu, sempre

presenteou. (...) Nossa! Essa herança não tem dinheiro que pague! Não, tem não! Para gente não tem não! (C.M. 49 anos)

Este entrelaçado do artesanato com a tradição, de acordo com Miguel (2007) se relaciona com algo que mexe com os sentidos, que dá prazer em fazer e que está vinculado à experiência e à cultura do indivíduo.

A forma como abordavam o sentido desta atividade, despertou curiosidade, por designarem como sendo uma funcionalidade para o futuro. O futuro aqui foi simbolizado pela velhice, na qual eram depositadas suas expectativas, do que fazer, para envelhecer com saúde e com qualidade:

Então eu penso o seguinte: eu quero ter uma velhice boa, uma velhice assim, tranquila (...) aprender a fazer alguma coisa, que quando chegar a idade, você vai fazer o quê? Vai ficar na rua andando para lá e para cá? Seus filhos vão crescer, vão estudar e ir embora, né? Aí você põe seu artesanato e vai fazendo e não vejo o dia passar, pelo fato de ter essa ocupação, não vejo o tempo passar, e depois disso se eu te falar que faz um bem para o corpo, para a mente, para a alma, faz bem para tudo, entendeu? Corpo-alma-mente, completo, na verdade a saúde da gente vem do trabalho, vem do trabalho a saúde. (Z. 60 anos)

Vê-se por este relato que o artesanato se configura como um companheiro, algo para preencher lacunas deixadas por familiares, para manter a mente em funcionamento e não permitir sentir nem o tempo passar e nem as preocupações chegarem, traduzindo uma vida em plena atividade.

Nesta situação, a atividade artesanal pode ser enquadrada dentro do conceito de envelhecimento ativo. O termo refere-se ao processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida durante o processo de envelhecimento. A palavra “ativo” refere-se, neste contexto, à participação continuada nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho (OMS, 2008). A discussão desse conceito e sua aplicação têm ganhado importância pelo crescente índice de envelhecimento da população, principalmente a feminina (curiosamente são participantes da atual pesquisa), muitos estudos estão sendo realizado como os de Camarano e Kanso (2010), Salgado (2002), Soares (2012), Lima e Bueno (2009), na perspectiva de mostrar o envelhecimento como processo positivo, eliminando a relação de velhice - incapacidade. Entretanto, essa questão é tão mais

ampla e complexa que extrapola a abordagem discutida aqui, quanto ao sentido do artesanato na vida das artesãs.

Em suma, a percepção da produção artesanal pelas artesãs se configura como promotora de benefícios, por estar ligado à renovação de seu vigor e saúde, em dádiva divina e, também, como uma herança impagável.

4.6.1 Um trabalho realizado com amor

Estreitando os laços nesta relação entre artesanato/artesã, julgou-se conveniente inserir esta subcategoria, que permitisse vincular o trabalho artesanal ao sentimento das entrevistadas, onde se averigua o verdadeiro significado do artesanato para suas vidas.

A acepção de ser artesã decorreu num primeiro momento pela percepção coletiva, ou seja, do que a proposta do grupo transforma na vida delas. Observou-se que havia um bem comum, um sentimento de realização, pois nessa hora podiam produzir e, isto se convertia em benefícios a outrem:

Então, é a maior alegria da gente (...). É estar com o grupo aqui, que a gente aprende muito um com o outro, a gente passa essas 3, 4 horas aqui fazendo um trabalho que nos agrada e é gostoso de fazer (...). E você sabe que todo aquele dinheiro vai reverter para alguma coisa, para o bem de alguém, não importa quem seja. (M. 58 anos)

Além desta percepção coletiva, houve a percepção pessoal sobre a produção, que foi interpretada com a configuração de doação de suas habilidades vertendo-se em benefícios e alegrias. Dessa forma, o sentido de tudo isso era “ser um presente”:

(...) você sabe que está fazendo alguma coisa e que além disso, o bem que faz para a gente, porque quando você se doa, você que ganha o presente, entendeu? Porque você está fazendo uma coisa e nem percebe, quando você vê... é você que é feliz, né? (M. 58 anos)

O sentimento das entrevistadas de serem presenteadas dentro deste processo corrobora com Cunha e Vieira (2009), de cujos relatos constam que encontram prazer e sentido no trabalho artesanal, pois se destacam diante do seu grupo social como detentoras de uma habilidade especial.

Este sentimento detectado nas entrevistas também pode ser analisado pelo sentido da dádiva, corroborando com o ensaio de Mauss (2003) que interpreta a dádiva

como constituição da vida social por um constante dar-e-receber, isso ocorre não implicando só uma troca de material, mas também uma troca espiritual, uma comunicação entre almas. Ao dar, doa-se sempre algo de si mesmo, dessa forma, a dádiva aproxima as pessoas, torna-as semelhantes. Na dádiva, o dever é uma dívida, que contraditoriamente não almeja sua resolução, pois se torna a base da permanência dos laços criados.

A dádiva é um paradigma que apresenta como núcleo principal a relação entre uma teoria da reciprocidade e uma teoria moral inserida no contexto da solidariedade. Pode ser definida como um fato social total e envolve três características fundamentais: primeiramente, as trocas ou retribuições não acontecem por uma ação individual, mas pela coletividade em que os indivíduos representam pessoas morais nessa ação; as trocas não são mensuradas meramente com base num caráter material, mas estão impregnadas de diferentes símbolos como gestos, palavras, reconhecimento, gratidão, afeto e generosidade; por fim, não se trata de um ato imediato, mas que foi gestado durante certo intervalo de tempo necessário até sua execução concreta (MAUSS, 2003).

O olhar das mulheres sobre sua própria condição de artesã era apontado como uma condição natural feminina. No decorrer das entrevistas, afirmavam que mulher que se preze tem necessidade de aprender alguma técnica artesanal:

O artesão para mim é uma coisa assim, que mulher nenhuma poderia ficar sem, porque na verdade você pode estar nas horas difíceis, você pega um artesanato, e você está trabalhando e você esquece de tudo! Você está só contando os pontos e vendo aquilo pronto. Eu não consigo viver sem meu artesanato! (Z. 60 anos)

Insere-se a seguir uma conceituação do que é um artesão, formulada por uma das entrevistadas, com base em sua vivência:

O artesão ele é uma pessoa feliz, porque, ele cria e o que ele faz é único, você entendeu? Então, é uma pessoa feliz, que está sempre de bem com a vida (...) que sua cabeça está sempre bem. O artesão que faz o que gosta ele é feliz, porque tudo que ele constrói é único. Você nunca vai ver outra coisa igual, parecido, mas igual não, não existe. Isso é meu conceito de artesão. (C.M. 49 anos)

O sentimento que rege o trabalho das entrevistadas é o de realização e satisfação. Demonstram-se maravilhadas com a beleza das peças, resultante de um trabalho

desempenhado com dedicação e afeição. Acrescenta-se ainda, a percepção externa da comunidade, que as reconhece e as valoriza como tal:

Ah me sinto tão bem, quando chegam pessoas falando: Nossa, que coisa bonita que você fez ou que você está fazendo. Eu me sinto feliz. Aí, tem vez que me pergunto: será que fui eu que fiz isso mesmo? Entendeu? Tem vez que nem a gente acredita que fez aquilo mesmo. (Z. 60 anos)

Estudos de Bonilha e Sachuk (2011) resumem este sentimento de realização, destacando que o valor atribuído ao trabalho artesanal e a constituição da identidade das mulheres se relaciona ao reconhecimento social, reforçando as ideias de autoestima e autorrealização. Ainda sobre a constituição de identidade, corrobora com Cuche (2002), quando trata dessa formação autônoma da cultura local, que reflete na construção coletiva, justificando então a organização dessas mulheres como um grupo.

Um trabalho desempenhado com amor, realmente é o que traduz o sentido de ser artesã. Pois uma tradução mais próxima do que seria o artesanato para as entrevistadas se fez na palavra amor. Esse termo esteve presente em todas as narrativas. Diante disso, infere-se que as artesãs não visualizavam este afazer como trabalho, mas como uma satisfação pessoal por estarem nele inseridas:

(...) aí o artesanato é uma coisa que, por exemplo, assim, se você for ver, ele tem mais amor do que valor, você entendeu? Porque eu acho muito interessante falar com as pessoas que a gente fez e a gente faz. Então, as pessoas que gostam dão valor, mas para a gente é mais assim, o amor, né? (C.M. 49 anos)

Percebe-se que, no delinear desta categoria sobre o verdadeiro sentido do artesanato para a vida das artesãs, a atividade artesanal trouxe significados além da satisfação e do reconhecimento, alcançando a conotação de “um trabalho de amor”.

4.7 Minha vida mudou, é outra coisa!

Nesta categoria será discutido o quesito qualidade de vida das entrevistadas, evidenciando o que o artesanato acarreta na vida de cada uma, ou seja, nas mudanças e/ou melhorias do seu cotidiano.

No decorrer das entrevistas foi notório nas falas os benefícios trazidos para cada uma. Nenhuma delas se sentiu desestimulada por essa prática, muito ao contrário,

reconheciam grande melhora em suas vidas e eram agradecidas pelas pessoas que lhes ensinaram o ofício:

Para a minha vida acho que foi uma das coisas melhores que poderia ter acontecido. Porque além de eu ter o privilegio da minha mãe ter me ensinado, eu posso ensinar outras pessoas (...) às vezes tem pessoas que chegam perto de mim e falam: que coisa bonita que você fez! Pronto! Passo o resto do dia feliz, porque uma pessoa elogiou que eu fiz algo de bom, entendeu? (Z. 60 anos)

O artesanato teve resposta também na esfera psicológica, assim como foi mencionado no estudo de Miguel (2007), ao relatar a melhoria ocasionada na saúde mental das artesãs. Logo, muitas artesãs o praticam como alternativa de terapia. A mudança que relatam estar usufruindo hoje, se fez por conseguir superar positivamente o abatimento emocional, e hoje se sentem mais felizes:

Eu tenho uma felicidade imensa! É foi muito bom mesmo, sabe? Porque como eu tinha depressão, eu melhorei muito quando vim trabalhar aqui. (M.D.70 anos)

Aprofundando neste aspecto, as entrevistadas abordam o artesanato em suas vidas como algo transformador de tal modo, que o relacionam a um nível admissível de que renasceram, de que são outra pessoa, após a inserção neste trabalho:

Essa é minha história... mudou e a gente se sente, eu acho assim, parece que a gente renasce, parece que é outra pessoa, que antes de entrar aqui, em casa, assim, eu bordava porque eu gostava, mas para mim (...) mudou nesse sentido. Eu me sinto mais feliz, né? (E. 66 anos)

A qualidade de vida para as entrevistadas seguia um contexto de mudanças. Verificou-se pelas narrativas, que houve melhorias no ritmo do cotidiano de cada uma delas, que se consideram mais alegres, satisfeitas e realizadas. Viver hoje é outra coisa:

É isso que me modificou, que me jogou para cima foi isso... vale demais, é outra coisa, você está aqui, você está brincando, faz trabalho, tudo mais. Está mais contente, você aprende coisas, você passa coisas para os outros, você conversa, você vê o problema das outras, e conta o da gente. Então isso aí faz viver, com certeza! (A.S. 68 anos)

A satisfação de ser artesã se dá pela melhoria na qualidade de vida de cada uma, nos quesitos de bem estar físico, mental, psicológico e emocional, relacionamentos sociais, como família e amigos.

Ao findar a apresentação dos resultados desta pesquisa, infere-se que os objetos produzidos como panos de lavabo, jogos americanos, guardanapos, toalhas de mesa, de cama, dentre outros, feitos pelas artesãs de Venda Nova do Imigrante-ES, são construídos por meio de suas experiências, e exercem influência significativa em seus valores, seus sentimentos e suas emoções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação centrou-se na questão do sentido de ser artesã numa cidade de população imigrante, dando ênfase ao sentido deste ofício para sua realidade diária. Atentou-se a elucidar os aspectos positivos que o artesanato proporciona na vida das artesãs, destacando quais são os seus significados, sua relação com a origem familiar, ou seja, com a cultura. Nesta proposta de pesquisa buscou-se um olhar mais qualitativo dentro dos empreendimentos artesanais e o entendimento de que, o fator renda não era o que prevalecia como pretexto de inserção nesta atividade. Foram as motivações que levaram as entrevistadas a permanecerem em plena atividade, mesmo sem usufruir de nenhum rendimento, pois todo o trabalho era doado para as entidades associadas.

O êxito deste trabalho se fez pelo arranjo das experiências tecidas nas narrativas de cada artesã entrevistada, expressando suas lembranças, seus sentimentos, suas memórias e suas emoções. Foi nessas circunstâncias que se constituiu a trama para analisar a realidade estudada.

Observar. Esse foi um fator relevante para o pesquisador, pois possibilitou tirar conclusões não apenas de dados concretos, mas da percepção no local em estudo. O olhar atento permitiu identificar aspectos muito além dos questionamentos previamente estruturados. Sendo assim, a observação foi muito rica para complementar os sentidos das entrevistas no momento das análises e entender a influência do local no cotidiano das pessoas.

Ressalta-se que, Venda Nova do Imigrante ainda preserva muitos elementos característicos do período de colonização, presentes no biotipo de muitos moradores, no sotaque, na arquitetura, nas cores de escolas, nas flores dos canteiros centrais, nos nomes das empresas e casas comerciais, na culinária, na música, nos hábitos, no artesanato, nas músicas e na religiosidade.

Com base nos resultados encontrados na presente pesquisa, é possível fazer algumas considerações sobre o que representa a atividade artesanal para as artesãs. O artesanato foi identificado entre as entrevistadas como uma herança que perpassa gerações, sendo que o tipo mais expressivo para o referido grupo foi o bordado.

Então, por saber que o bordado faz parte da história vendanovense, foi de grande valia compreender a importância que esta atividade exerce sobre a vida das artesãs, que demonstram muito apreço e satisfação em realizá-lo, além de um sentimento de gratidão por ter recebido este dom. O sentido de ser artesã estava inteiramente entrelaçado com o sentido de viver melhor - sentido mais atribuído ao passar o tempo bordando.

Embora se tenha apresentado vários sentidos para se dedicarem à atividade artesanal, percebeu-se que houve representação social de estar vivendo melhor, ou seja, ter melhor qualidade de vida. O artesanato como bem estar, influenciou diretamente sobre a qualidade de vida das artesãs.

Inferese também que os resultados deste estudo podem contribuir para a ciência no que concerne às motivações e percepções de artesãs sobre seu envolvimento no processo laboral. Seria um início para a estruturação relacionada ao artesanato no que tange a identificação das várias formas de inserção neste trabalho, seja por manutenção das tradições, lazer, relacionamento interpessoal, terapia, sustentação da memória ativa, diversão, seja por outras razões. Entretanto, ainda há muito o que entender dessa relação que, repetidas vezes, foi revelado existir por amor ao trabalho criativo e ao resultado das criações.

Os resultados da pesquisa de campo permitiram retratar um modelo de organização, a associação de artesãs voluntárias, com benefícios imensuráveis do ponto de vista psíquico, emocional e com consequentes benefícios, para a saúde física das mulheres na faixa etária acima de 50 anos. A produção artesanal, por este viés, pode constituir uma alternativa de intervenção social para os governantes, tendo em vista o envelhecimento da população brasileira.

Constata-se que, não se encerra aqui as investigações quanto ao sentido de ser artesã, pois uma pesquisa é apenas um fragmento dentro das probabilidades de investigação. Os resultados encontrados neste estudo não são verdades absolutas, mas pelo seu caráter exploratório abre novas trajetórias de análises, novos questionamentos e, certamente, novas pesquisas, na busca da compreensão do sentido mais aprofundado do artesanato para as artesãs.

Acerca das limitações da pesquisa, faz-se uma ressalva sobre o uso da entrevista narrativa, em que houve pontos negativos, mas também pontos positivos. Uma das limitações numa visão geral, consistiu no fato de que as artesãs se encontraram

engessadas dentro de uma estrutura de perguntas e respostas. Como sujeitos da pesquisa não se achavam livres o bastante para relatar o que pensavam e, ainda se prenderam à preocupação em dar resposta certa. Demoravam assim, um tempo para acolher o modelo flexível, com espaço para falar de si, onde não existe certo e errado. O que vale são as percepções diante da experiência contada. O pouco tempo dedicado à coleta dos dados não permitiu formular novas alternativas, como mudança de lugar e horário. Diante desta limitação sugere-se aos próximos estudos um período maior de inserção no campo, para que este modelo de instrumento de coleta de dados, seja melhor ancorado. Mas além dessa restrição, a entrevista teve bons momentos e boa avaliação pelas artesãs, que gostaram da forma que foram abordadas, com a proposta de dizer sobre si, contar/relembrar as histórias que fazem parte da tradição de suas famílias. Houve inclusive momentos de comoção quando contavam suas histórias. Outro fato interessante, foi o de terem relatado sobre a não preocupação numérica, ou seja, com a quantidade de trabalho que faziam, pois disseram que eram assim as pesquisas efetuadas anteriormente.

Por fim, o intuito do lançar-se nesta pesquisa foi tecer com letras e palavras o universo vivido e sentido pelas mulheres artesãs, que no seu cotidiano criam, tecem, amarram, atam os pontos e compartilham suas habilidades. Dessa forma vão compondo os significados no decorrer de suas vidas, retroalimentando o presente com as memórias do passado.

6 BIBLIOGRAFIA

AFEPOL - Associação da Festa da Polenta. **Festa da Polenta**. Venda Nova do Imigrante-ES, 2014. Disponível em: < <http://www.festadapolenta.com.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

ALMEIDA, D. B. **Vozes esquecidas em horizontes rurais**: histórias de professores. RS. Dissertação. Curso de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

AMORIM, E. O. **A filiação sindical rural da mulher**: fator de empoderamento? MG. Dissertação. Curso de Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, 2012.

ANDRADE, J. M. C. **Emendando retalhos gerando renda**. 1997. Disponível em:<http://www.ipa.br/pdf/excelencia_ater_2009/Afogados%20da%20Ingazeira/Emendando%20Retalhos%20Afogados%20da%20Ingazeira.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2012.

BARROSO, E. N. **Design e artesanato**. 2009. Disponível em:<http://www.eduardobarroso.com.br/Artesanato_%20mod1.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2014.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes Editores, 2007.

BONFIM, G. A. **Formas do design**. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.

BONI, V. **Produtivo ou Reprodutivo**: o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina. SC. Dissertação. Curso de Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

BONILHA, M. C; SACHUK, M. I. Identidade e tecnologia social: um estudo junto às artesãs da Vila Rural Esperança. **CADERNOS EBAPE.BR**, v. 9, n 2, artigo 10, Rio de Janeiro, Jun. 2011.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 12, n. 1, p. 205-228, jan./abr. 2004.

BRUSCHINI, M. C. A. **Mulher, casa e família**: cotidiano nas camadas médias paulistas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CAMARANO, A. A; KANSO, S. como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADs. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**: um risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMPANHOLA, C; GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**: uma análise nacional e regional. v. 1. Jaguariúna, SP: EMBRAPA, 2000.

CARMO, P. S. S. **O artesão brasileiro**: intérprete da cultura regional e artífice da economia solidária. MG. Dissertação. Curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

CARNEIRO, M. J. (org.). **Ruralidades contemporâneas**: modos de viver e pensar o mundo rural na sociedade brasileira. Programa de bolsas CLASCO-Asdi para pesquisador sênior em ciências sociais da América Latina e do Caribe de 2000. Buenos Aires: CLASCO, 2000.

_____. “Rural” como categoria de pensamento. **Ruris**, Campinas, v.2, n. 1, mar. 2008.

_____. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, 1998.

_____. **Ruralidades Contemporâneas**: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CARVALHO, V. C. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.

CHAGAS, C. R. R. P. Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade. **Anais do 28o. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Minas gerais**, 2005.

CHAVES, L. A. Mulheres artesãs: entre o trabalho do tear e as atividades domésticas na pequena carquejo (1994 -2006). **Anais do VII Encontro Regional Sul de História Oral**, Foz do Iguaçu – Paraná, 9 e 11 de out. de 2013.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 12, n. 2, 2009.

COUTINHO, M. P. L. Análise de conteúdo: um histórico, conceitos e aplicabilidade. In: COUTINHO, M. P. L; SARAIVA, E. R. A. (org). **Métodos de pesquisa em psicologia social**: perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: Editora Universitária, 2011.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, T. B; VIEIRA, S. B. Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteadas de Juarez Távora/Paraíba. **Psicologia Ciência e Profissão**. v.29, n. 2, p. 258-275, jun. 2009.

DEERE, C. D; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher**: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DELESPOSTE, A. G. **Movimento dos atingidos pela barragem de fumaça - MG**: caminho para o empoderamento da mulher? MG. Dissertação. Curso de Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, 2012.

DIAS, R. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DUARTE, A. Y. S. **Estudo do trançado para desenvolvimento de produtos têxteis artesanais**. SP. Dissertação. Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Estadual de Campinas, 2013.

FARIAS, R. C. P. **Entre a igualdade e a distinção**: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho. SP. Tese. Curso de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

FAVARETO, A. S. A longa evolução da relação rural–urbano: para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. **Ruris**, Campinas, vol.1, n.1, mar. 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Em defesa da sociologia**: ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo rural brasileiro**. 2 ed. Campinas: IE/UNICAMP, 1999.

HOUDELIER, C. **História dos bordados**. 2013. Disponível em: <<http://houdelier.com/paginas/bordadoshistoria.html>>. Acesso em: 02 de jun. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Serviços de informações. **Banco de dados agregados**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes. 2008.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS – PPGDR, 2008.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Armazém, 1999.

LEONE, E. **Trabalho feminino nas áreas rurais do Brasil nos anos 90**. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 2007.

LIMA, L. C. V; BUENO, C. M. L. B. envelhecimento e gênero: a vulnerabilidade de idosa no Brasil. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 273-280, mai./ago. 2009.

LODY, R. G. **Artesanato brasileiro: Tecelagem**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

LOMBARDI, M. R. **Perseverança e resistência**: a engenharia como profissão feminina. SP. Tese. Curso de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LUNARDI, R; ALMEIDA, J. A. de J. De donas-de-casa a empresárias: como são as mulheres empreendedoras do turismo rural nos Campos de Cima da Serra – RS. **Anais do VIII Seminário Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis. 25 a 28 de ago. 2008.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

MARTINS, S. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa do Estado de Minas Gerais. 1973.

MATURANA, H; MAGRO, C; PAREDES, V. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MCCLINTOCK, A. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cadernos Pagu**, n. 20, p.7-85, 2003.

MEDEIROS, V. C. F. A. **Turismo e economia solidária: uma análise nas cooperativas e associações de artesanato do Roteiro Seridó norte-rio-grandense**. RN. Trabalho de Conclusão. Curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO, H. P. **O trabalho feminino no mundo rural**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Economia, 2002.

MELO, H. P; SABBATO, A. Mulheres rurais: invisíveis e mal remuneradas. In: Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: MDA/Nead, 2006.

MELO, M. M. et al. **Artesanato e design: fluxos e hibridações na cultura brasileira**. MG. Trabalho de Conclusão. Curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002.

MIGUEL, M. R. S. P. **O (des)fiar das memórias: sentimentos, gestos e vozes de artesãs idosas uberlandenses**. MG. Dissertação. Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

NASCIMENTO, P. F. **Turismo rural nas montanhas capixabas: como vivem e trabalham mulheres e homens em um campo em transformação**. MG. Dissertação. Curso de Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, 2013.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Guia global cidade amiga do idoso**. Genebra, 2008.

OSAKABE, E. **Caracterização do trabalho feminino no rural brasileiro**. Grupo de Pesquisa 12 – Mercado de Trabalho Agrícola, 2005.

PINHO, M. S. M. Produtos artesanais e mercado turístico. In: MURTHA, S. M.; ALBANO, C. (Org). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RAMALHO, J. P. **Modelando a vida e entalhando a arte:** o artesanato do vale do Jequitinhonha. MG. Dissertação. Curso de Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, 2010.

ROIZENBRUCH, T. **O jogo das diferenças:** design e arte popular no cenário multicultural brasileiro. SP. Dissertação. Curso de Design da Universidade Anhembi Morumbi, 2009.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, T. S; NASCIMENTO, J. P. B; BORGES, G. F; MORAES, A. F. O; TEIXEIRA, E. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local. **Anais do VII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGeT**, 2010.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas. **Termo de referência do programa SEBRAE de artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2004.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, A. I. O. **Rendas, babados, bilros e crochês:** a construção social da mulher de prendas domésticas. SP. Dissertação. Curso de Antropologia da Unicamp, 1985.

SILVA, P. F. T. L. **Bordados tradicionais portugueses**. Guimarães. Dissertação. Curso de Design e Marketing da Universidade do Minho – Portugal, 2006.

SILVEIRA, J; BARAUNA, D; BASTIANELLO, S. F; PEZZIN, A. T; SILVA, D. A. K. O perfil da mulher rural num grupo de geração de trabalho e renda. In **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**, 2006, Joinville . 28 a 30 de set. 2006.

SOARES, C. envelhecimento populacional e as condições de rendimento das idosas no Brasil. **Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, p. 167-185, 2012.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TOLFO, S. R; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**. v.19, n.spe, p. 38-46, 2007.

VITTADINI, G; LOVAGLIO, P. Fatores materiais e imateriais do capital humano. In: OLIVEIRA, N; CAPITANIO, G. (org). **O trabalho é expressão da pessoa**. Vol. II. Belo Horizonte: AVSI, 2009.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas:** o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo. Recife: UFPE, 2000.

_____. **A ruralidade no Brasil moderno:** por um pacto social pelo desenvolvimento rural. Buenos Aires: CLACSO/ASDI, 2001.

_____. **O mundo rural como espaço de vida** – reflexos sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista Narrativa

Entrevistas:

I. Aberta. Enfoque sobre a motivação da produção artesanal, em um contexto de conversação. Fotografar, gravar e transcrever.

Conversação:

O que te fez querer se inserir na produção de artesanato, qual sua motivação e como se sente enquanto artesã?

- Tipo de artesanato:
 - o que você produz ou quais são os trabalhos que faz?
 - tem algum de sua preferência, por que motivo?
 - como aprendeu: teve a técnica passada por alguém? Quem foi? É de família (tradição)? Aprendeu sozinha?
 - o artesanato que faz é por obrigação, necessidade de aumentar a renda ou por outras razões?
- Recursos utilizados na produção:
 - o que usa mais na sua produção, é tecido, materiais vegetais, ou recicláveis?
- Motivação:
 - qual motivo de fazer artesanato ou o que te leva a passar momentos em contato com esse tipo de trabalho?
 - tem algum sentimento pessoal que a faz estar inserida?
 - você faz somente por curiosidade?
 - tem algum propósito de lazer? Tem algum sentido emocional, seja de relaxamento ou de terapia?
 - a razão tem orientação ou fundamento psicológico/terapêutico?
- A percepção na produção do artesanato:
 - como se sente diante da sociedade, ou seja, aqui na comunidade, no município? Como esta produção influencia nas relações familiares e nas suas redes sociais? O seu trabalho é visto ou tem visibilidade social?
 - tem reconhecimento econômico, dentro de casa, na vizinhança e no mercado local?
 - em relação à cultura (tradição) como se percebe dentro deste universo? Tem intenção de transmitir e perpetuar os costumes? Gosta de ensinar alguma técnica para outras pessoas? Como se sente ao fazer isto (valorizada, importante, lembrada...)?
 - em relação a sua qualidade de vida como percebe, teve alguma mudança?

APÊNDICE B - Perfil Socioeconômico Familiar

Entrevista nº

Membros	Idade	Sexo	Parentesco com relação à entrevistada	Estado Civil	Ocupação	Escolarida de	Renda	Origem familiar imigrante? Qual?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: Significados Atribuídos à Produção de Artesanato pelas Artesãs de Venda Nova do Imigrante-ES.

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Tereza Angélica Bartolomeu

Departamento: Economia Doméstica

tel: (31) 3899-2428 e-mail: angelica@ufv.br

Equipe de pesquisa

Nome: Lílian Perdigão Caixeta Reis

Departamento: Economia Doméstica

tel: (31) 3899-1629 e-mail: Lilian.perdigao@ufv.br

Nome: Leilane Rigoni Bossatto

Departamento: Economia Doméstica

tel: (31) 8642-2599 e-mail: leilanerigoni@yahoo.com

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome:

Data de nascimento:

Sexo:

Nacionalidade:

Estado Civil:

CPF:

RG:

Telefone: e-mail:

Endereço:

1. Da justificativa e dos objetivos para a realização desta pesquisa:

A pesquisa é importante para observarmos o que a produção artesanal tem propiciado nas relações da mulher, e com o objetivo queremos ver sob um viés da tradição o significado e as percepções desta atividade para estas mulheres artesãs, seja no âmbito econômico, social e cultural.

2. Do procedimento para a coleta de dados

Para chegarmos aos dados precisamos que a Senhora relate sobre a relação da produção de artesanato para sua vida. Depois da entrevista, se permitir a pesquisadora vai tirar fotos, e se concordar, peço que assine o termo de autorização de uso de imagem e depoimentos.

3. Da utilização, armazenamento e descarte dos dados

Os dados informados na entrevista serão armazenados no banco de dados da pesquisadora e não será utilizado o nome e nem o endereço, no lugar do nome será identificado com número e quando necessário será utilizado nomes falsos. E estes dados recolhidos estarão autorizados a serem guardados para uso em pesquisas futuras, desde que as informações sejam apresentadas de forma sigilosa.

4. Dos potenciais riscos e o incômodo que a pesquisa possa acarretar

O incômodo que a pesquisa oferece é com relação ao tempo de duração da entrevista e caso se sentir incomodar é só falar durante a entrevista.

5. Da assistência

Caso tenha alguma necessidade de assistência, será realizado pela mestranda que realizará todas as etapas propostas pela pesquisa sob orientação da Prof^a Dra. Tereza Angélica Bartolomeu (Departamento de Economia Doméstica – UFV).

6. Das despesas

“A participação como voluntário na presente pesquisa não resultará qualquer despesa e estou ciente de que não receberei pagamento para fornecer as informações que são necessárias”.

7. Da garantia de sigilo

Durante a pesquisa e a divulgação dos dados não será divulgado de forma alguma o nome, nem o endereço e nenhuma outra informação pessoal. As imagens registradas só serão divulgadas no trabalho se forem permitidas, como dito anteriormente.

8. Da garantia de recusar, desistir ou revogar o consentimento.

“Tenho a garantia de recusar, desistir ou interromper a colaboração na pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo, todavia, me obrigo a formalizar o meu desejo por escrito”.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos do estudo “**Significados Atribuídos à Produção de Artesanato pelas Artesãs de Venda Nova do Imigrante-ES**”, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo, que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em caso de dúvidas não esclarecidas de maneira adequada pelo pesquisador responsável, de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

Divisão de Saúde, *campus* da Universidade Federal de Viçosa-UFV
Telefone: (31) 3899-3783
e-mail: cep@ufv.br
site: www.cep.ufv.br

Venda Nova do Imigrante, __, _____ de 2013.

Orientadora

Co-orientadora

Mestranda

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (**Leilane Rigoni Bossatto [pesquisadora], profa. Tereza Angélica Bartolomeu [orientadora] e profa. Lílian Perdigão Caixeta Reis [co-orientadora]**) do projeto de pesquisa intitulado “**Significados Atribuídos à Produção de Artesanato pelas Artesãs de Venda Nova do Imigrante-ES**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Venda Nova do Imigrante, _____ de _____ de 2013.

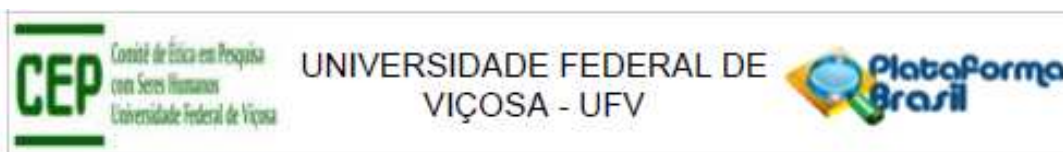
Orientadora

Co-orientadora

Mestranda

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À PRODUÇÃO DE ARTESANATO PELAS ARTESÃS DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

Pesquisador: Tereza Angélica Bartolomeu

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16809713.8.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 376.479

Data da Relatoria: 03/09/2013

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho visa pesquisar as percepções que mulheres da cidade de Venda Nova do Imigrante-ES possuem sobre o trabalho artesanal que realizam como forma de empreendedorismo rural.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo é verificar o que a produção artesanal tem propiciado nas relações da mulher, no âmbito econômico, social e, sobretudo no cultural, trazendo um recorte da tradição italiana no município de Venda Nova do Imigrante-ES.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa será realizada dentro das diretrizes universais de ética na pesquisa científica, tendo por princípio a participação voluntária dos entrevistados. As condições de sigilo e anonimato serão preservadas, assim como a disponibilidade de acesso dos entrevistados ao material registrado.

Não há benefícios diretos para os participantes, mas para a comunidade acadêmica que poderá ter conhecimentos sobre esse tipo de projeto. As mulheres poderão ter acesso aos resultados do estudo se assim desejarem.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, prédio Arthur Bernardes, PPG, sala 04
Bairro: camp. Viçosa **CEP:** 36.570-000
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **Fax:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 376.479

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é importante para que se conheça o contexto de vida dessas mulheres e quais as consequências do trabalho em suas vidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os documentos necessários.

Recomendações:

Recomendações atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessária a apresentação do Relatório Final e após a aprovação desse, deve ser encaminhado o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 6ª reunião de 2013, segunda sessão, realizada no dia 16/08/2013.

VICOSA, 29 de Agosto de 2013

Assinador por:
Patrícia Aurélia Del Nero
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, prédio Arthur Bernardes, PPG, sala 04
Bairro: camp. Viçosa **CEP:** 36.570-000
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **Fax:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

APÊNDICE F – PONTOS BORDADOS

O bordado foi o gênero artesanal de maior expressão entre as entrevistadas. Apresenta-se a seguir algumas informações sobre os pontos identificados na pesquisa que as artesãs dominavam:

- **PONTO CRIVO:** Se caracteriza pela formação de “buraquinhos” e a passagem da linha através destes de modo que nem sempre são os mesmos desenhos. Esse tipo de ponto surgiu da necessidade de quebrar a monotonia do bordado fechado sobre um fundo compacto. Então, teve-se a idéia, de cortar certos espaços no tecido (fios) entre os motivos. É um trabalho que exige muita atenção, pela delicadeza no corte dos fios para a formação dos “buraquinhos”.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO CHEIO:** Utilizado para preencher e dar relevo, normalmente em áreas pequenas, como para bordar folhas, letras ou pétalas. Consiste num ponto reto, que se trabalha um ao lado do outro, na horizontal, vertical ou diagonal.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO MATIZ:** Usado para encher um desenho considerado muito grande ou muito irregular para ser coberto com o Ponto Cheio, usado também para dar efeito sombreado. Os pontos são alternadamente longos e curtos e bem unidos para seguir o contorno do desenho.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO CORRENTE:** Conhecido também como ponto de cadeia é um dos pontos mais populares do bordado, sendo usado para os contornos, barrinhas e pontos de cobertura. É importante neste ponto que se mantenha a tensão correta e, que os elos sejam todos do mesmo tamanho e formato.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO PALESTRINA:** Parece ser “nozinhos”, mas é isto mesmo, a formação deste ponto se dá por vários nós. Ele é indicado para realçar o bordado, muito usado para laços, galhos e cordões. Importa dizer que, para ficarem bonitos estes devem ser feitos a espaços uniformes e bem apertados para dar o efeito desejado de contas.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO TEIA DE ARANHA:** Faz-se um círculo pequeno, depois, do centro partem pontos para divisá-lo em raios iguais, e assim começa preencher o círculo dando a ele aspecto de “teia”. Este é um dos pontos mais dispendioso de tempo, pois cada círculo leva em média uma hora para ser preenchido e finalizado.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO FOLHA:** Útil para cobertura de desenhos pequenos, e sua cobertura inspira formato de folha mesmo. Assim como o ponto Cheio, se encontra entre um dos pontos mais utilizados na aplicação de bordados.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO CASEADO:** É um ponto muito antigo e tradicional, que era usado para arrematar cobertores e casas de botões, daí o nome. Consiste numa sequência de pequenos pontos verticais e retos, ligados entre si por uma laçada. Para um bom acabamento, todos os pontos devem ter a mesma altura e ficar paralelos entre si. Alterando-se o comprimento dos pontos, obtêm-se vários e diferentes efeitos decorativos. São usados também em bordados mais delicados, para arrematar bordas arredondadas e contorno dos motivos.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO CRUZ OU MARCA:** A forma mais popular de bordado, em que são utilizadas puntadas que ficam em forma de “X”. O que faz este trabalho ficar bonito é o desenho, o jogo de cores, as formas e um avesso perfeito.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO HASTE:** Como o próprio nome sugere é usual para hastes de flores, contornos e como cobertura para desenhos. O ponto resulta em uma linha densa e com uma ligeira torção, que dá um efeito de relevo aos traços bordados. É o mais adequado para traçar contornos, curvas suaves e linhas sem ângulos muito acentuados.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO ATRÁS:** Útil para contornar, traçar linhas de um desenho e realçar o bordado. É importante que todos os pontos sejam do mesmo comprimento. Ele é usado para fazer contornos no bordado em ponto cruz e, é muito útil para fazer bordados à mão livre.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO ILHÓS:** São feitos pontos de alinhavo pequenos ao redor de um círculo e, depois se perfura o centro. Este ponto é muito popular em bordado em tela.



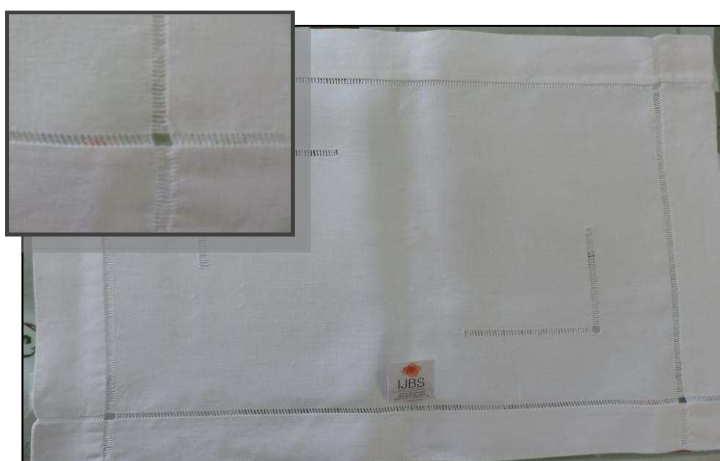
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO SOMBRA:** Este bordado é feito pelo avesso do tecido. O tecido deverá ser fino e transparente. E como o próprio nome diz, ao olhar pelo lado direito, verá a sombra do bordado. É um trabalho bem delicado.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **PONTO BAINHA ABERTA:** Como o próprio nome indica, é executada desfiando-se fios de tecido e depois bordando-se sobre as beiradas do desfiado. São geralmente barras contínuas, que podem formar cantos, na execução são retirados determinados fios, sendo depois tecido o desenho escolhido, apanhando alguns dos fios que ficaram. Inicialmente era usada para enriquecer bordas de peças, mas depois ganharam toda a extensão do tecido.



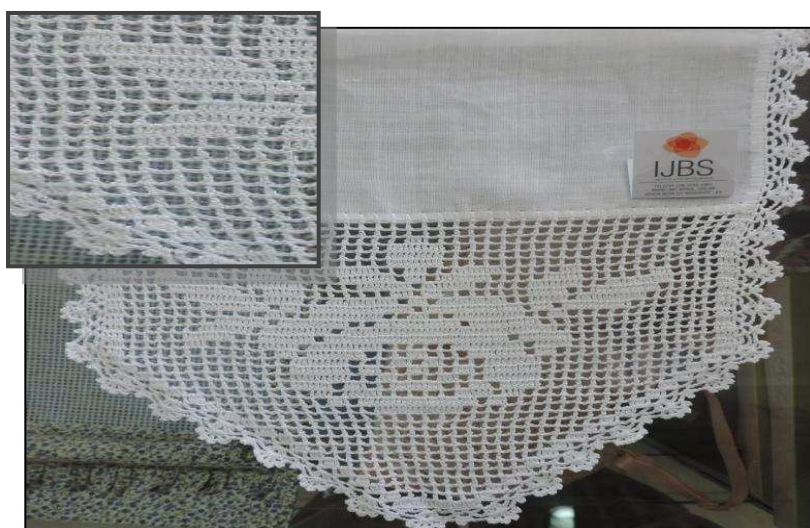
Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **BROLHA:** Técnica que consiste em dar nós no próprio tecido. Inicialmente, o tecido de saco de algodão alvejado, etamine ou linho era desfiado até certa altura, os fios eram enrolados de dois em dois e depois amarrados com pequenos nós, formando vários tipos de desenhos nas barras (efeito rendado). Mas hoje, as barras são produzidas e depois aplicadas nas peças (pano de copa, toalha de mesa e de lavabo e também no vestuário feminino).



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

- **CROCHÊ:** Com o auxílio de uma agulha dotada de um gancho, produz-se um trançado semelhante ao de uma malha rendada. O crochê possui muitas variações de pontos, modelos e cores. Faz-se várias peças como caminhos de mesa, colchas e toalhas.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.